

de Abril  
de 1932

# o repórter.

Semanário das grandes reportagens



H O T E L

A M E R I C A N O

L I S B O A

# Um grande hotel moderno

Um estabelecimento modêlo que satisfaz  
os mais exigentes clientes

considerar modelar, acabando assim com essa falta que nos envergonhava, construindo um excelente hotel, que à modicidade dos preços reúne a excelência dos serviços, satisfazendo, sem receio de confrontos, as pessoas mais exigentes.

Nos vários aposentos nada f alta, sendo até de notar que tão confortáveis são os aposentos de luxo como os de menores preços—separadas as distâncias que inevitavelmente tem que existir.

E quando toda a gente poderia supôr que os preços seriam exagerados, surge-nos uma tabela que nos deixa incrédulos, pois é difícil conceber como com tão pouco dinheiro é possível servir tão primorosamente. Não se julgue que exageramos. Em parte alguma era possível tal milagre, que doutra forma não pode classificar o que o sr. Cecilio Fernandez conseguiu, o que lhe vale, sem favor, ter uma clientela que, pelo número e pela qualidade, é o melhor reclamo da sua casa.

Por isso, hoje, o Hotel Americano, o magnífico estabelecimento da rua 1.º de Dezembro, 73, reúne sempre o maior número de hóspedes dos hotéis de Lisboa, sendo também o preferido pelos comerciantes e mais pessoas da provincia que tendo negócios a tratar na capital, exigem um estabelecimento socegado, confortável em todas as suas categorias, onde o acao e a limpeza permanente são dogmas intangíveis, e onde os preços, nos tempos difíceis de carestia que vamos atravessando, são absolutamente compatíveis com todos os orçamentos.

Educado pelo dono e gerente do modelar estabelecimento, todo o pessoal do «Hotel Americano», solícito, amável, atencioso, auxilia a demarcar a boa impressão que em todos deixa o magnífico estabelecimento da rua 1.º de Dezembro, obrigando aqueles que uma vez o frequentaram a nunca mais preferirem outro.

**N**ÃO há turismo, não há intercâmbio artístico ou cultural, em qualquer país do mundo, sem que haja bons e confortáveis hotéis. Qual é o sábio, qual é o artista desses grandes países, habituados ao requintado conforto, que se dispõe a visitar outra nação, quando de antemão já lhe foi dito que não pode dispôr de bons alojamentos?

E como se poderá fazer turismo se as pessoas que o praticam, dispostas a gastar dinheiro—mas sabendo-o gastar—não ignoram que não tem, onde se alojar?

A estas perguntas respondeu magnificamente o sr. Cecilio Fernandez, instalando, em prédio próprio, na rua 1.º de Dezembro, n.º 73, um estabelecimento que no género se pode

## TEATRO VARIEDADES

Dois Sessões A's 8|12 e 10|12

A revista formidável de interesse e de crescente novidade

## PIM! PAM! PUM!

com o «Harold Trépa-Trepa» por Luiza Satanela e o celebre «COCHICHO» por Maria das Neves

Grande êxito do quadro novo

## «HAJA UNIÃO»

por Filomena Lima, Josefina Silva, Antonio Silva, Armando Machado e J. Santos

TODAS AS NOITES

Teatro Variedades

## TEATRO AVENIDA

A's 9 |12

Grande êxito do «Vaudeville» em 3 actos adaptação de Alberto Barbosa e Victor Lopes, musica de Angel Gomez

## Tres Contra Um

Protagonista **Estevão Amarante**

Realização de toda a companhia

Preços populares

Todas as noites n

Teatro Avenida

## TEATRO APOLO

A's 9-30—Espectaculo inteiro

A comedia de constante gargalhada  
Genero Livre

## O Quarto Azul

Soberba realização da «Companhia de Teatro Alegre»

Brilhante desempenho de Auzenda Oliveira, Albertina Oliveira, Antonio de Souza, Abilio Alves, Jorge Gentil e Antonio Palma. Artística mise-en-scene de Antonio Gomes

O espectáculo mais alegre de Lisboa é no

Teatro Apolo

IMPROPRIO PARA MENORES

## Reporter X

continua escrevendo os seus  
artigos com canetas

E A G L E

**PAGEOL**

Conselho dos velhos põe  
a seu filho

Tema  
Pageol



Cystites  
Urétrites  
Prostatites

**ENERGICO ANTISEPTICO**

## Mannheimer V. G.

SEGUROS DE AUTOMÓVEIS

TELEFONE 23533

L. Barão de Quintela. 11-2.º

# Homens & Factos do Dia

## As epidemias nacionais...

**R**ARO é o país ou o povo que não ofereça à publicidade mundial—um Fatalismo periodico, caracteristico, ritmico. As derrocadas de bairros inteiros, na Grecia—que, como dizia Eça, não têm outra explicação do que a falta de resistencia da terra, envelhecida, gasta, a esfarelar-se ao menor sopro; os incendios da Turquia, cujas labaredas gigantescas, ceifam o casario podre de Stambul, em poucas horas; os terremotos do Japão que entornam os lagos, como se fossem copos de água e descastelam cidades inteiras, como se fossem feitas de cartas de jogar; as erupções vulcánicas do Mexico e de Guatemala que ducham de fogo milhares de famílias; as fomes da India, que transformam povoações inteiras em macabros frizos de esqueletos e obrigam as vítimas a cenas de canibalismo monstruoso; as pestes da China que juncam as aguas fetidas dos rios com cadaveres enegrecidos e contorcidos ainda pelas angustias agonicas...

...Portugal, neste campo, não foge a regra. Portugal também oferece à comoção dos outros povos o espectáculo dum Fatalismo bem nacional, bem portuguesinho, bem valente... O fatalismo das epidemias... Ah! Não se precipitem, não se sorriam, não esse rictus labial pretencioso e incredulo... Não me refiro a essas «epidemias» do tifo, às da «esponhola», às do colera, às de... Não! Nesse ponto, apesar de todo o chiqueiro agonio dos nossos boiros excéntricos, apesar da fobia da hygiene que estigmatiza certa fauna popular, encardindo-a, encascando-a de sugidades seculares—digo seculares porque se transmitem de geração em geração—nem por isso essa Fatalidade nos apiquenta com uma frequencia superior à dos outros países... Esta epidemia que evoco é a da mais impudica macaqueação, a que exteriorisa uma absoluta atrofia de qualidades creadoras de falta de iniciativa e de amor proprio—agravada por um sentimento pouco lisongeiro de inveja, por uma sensualidade morbida em estragar, em



prejudicar, em basefiar precisamente as virtudes que não possuem e que detestam nos outros...

E se não vejamos...

Antes, porém, uma pequena confidência. Se hoje me ocupo deste assunto—não é porque me faltem outros talvez mais sugestivos, mas porque interceptei um boato que torre por aí—em que sou acusado de ter concorrido para o desenvolvimento dessas epidemias. Ora como é falso—urge que eu me defenda, provando a minha inocencia nesse crime...

Um dia, muito antes da guerra, um compatriota nosso que viajava pelos grandes cidades europeias regressou à patria embruxado por uma digna ambição: a de crear um estabelecimento, desconhecido entre nós, uma «leitaria» higienica, «coquette», elegante, limpa, onde as senhoras pudessem luncar com os seus filhos sem a visinhança de estabulos mal cheirosos—uma «leitaria» que não fosse a vergonhosa «vacaria», tipo unico existente e que se aproximasse do que havia lá fora. O nosso homem empatou todo o seu capital, realizou o seu plano—e o negocio, após alguma resistencia do mau gosto popular, venceu em toda a linha. Mas que... Dois mezes depois, aparecia um concorrente, duas portas mais adiante, imitando-o sem uma só melhoria—e até num estilo inferior; e no fim do primeiro trimestre toda aquela rua e toda a cidade estava cheia de leitarias, sem que um só dos seus fundadores fosse ao estrangeiro aprender a fazer melhor contentando-se em macaquear os que já tinham macaqueado, desenhando uma curva sempre descendente, sempre para pior—mas procurando prejudicar com toda a sua ciuemeira mesquinha o primeiro, o que tivera a ideia, o que tivera a ideia... Foi a época da epidemia da leitaria...

Ora os leitores bem vêem que a acusação que me fazem é coloniosa. A culpa não foi minha. Se eu nessa época era ainda menino quasi de colo e nem como consumidor o negocio me podia interessar visto que a minha leitaria era uma mocetona da Beira que me creava aos seus esfericos seios estalantes...

Mais tarde—foi a epidemia das Sapatarias «chics», parisienses, luxuosas... Um jovem viajado trouxera na retina o modelo dos boulevards e instalou na Baixa uma grande Sapataria moderna... E su-

# reporter

O SEMANARIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE PORTUGAL

GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS ACONTECIMENTOS DE SENSAÇÃO NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Sai às sextas-feiras e é posto à venda simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor  
**REINALDO FERREIRA**  
(REPORTER X)

Redacção, Administração e Publicidade  
Rua do Loreto, 42-1.º - TEL. 25.787 e 28249  
End. Telegr.: REPORTERX - LISBOA

Delegação no Porto:  
R. Passos Manuel, 241 - Tel. 4391  
Composição e Impressão

Tipografia das Publicações **av**  
Porto - Caneia Velha 89

PREÇO DE ASSINATURAS

3 meses—série de 12 numeros—Esc. 11\$50  
6 » » » 25 » —Esc. 22\$50  
12 » » » 52 » —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os respectivos portes

PAGAMENTO ADEANTADO

cedulhe o mesmo... Concorrença na visinhança logo macaqueado em todas as ruas, em todos os bairros—uma verdadeira epidemia...

Os leitores bem vêem... Eu não tive culpa... Era mui novo ainda e não senti nunca vocação para sapateiro—embora haja quem me encontre deslocado nos «solos» de rabeção...

A seguir, quando num premiere appareceram as primeiras cabeças de garçonne; à «Little John» à Ninon—um rapaz que se aventurara num raid até Paris—veio para Lisboa e montou um Salão de cabeleireiro para Senhoras como só se via para além da fronteira... Foi um éxito; o negocio

(Conclue na pag. 15)

## Gorki e a literatura portuguesa

Maximo Gorki, que representa o romancista popular, a literatura plebeia no dinamismo cerebral que «pensou» «le grand soir» ou seja a revolução russa; Gorki, que precisamente por isso—é o mais internacionalizado de todos os escritores russos—acaba de publicar uma série de artigos no «Suplemento Literario» de «Pravda» de Moscovo—sobre a literatura moderna em todos os países do Mundo. O sexto desses artigos refere-se a Portugal. Diz elle: «Neste país os escritores de uma fórmula geral, aos dos jovens países da America Latina, onde a literatura não é um objectivo forte e obsecante—mas sim um snobismo de horas vagas, daí a super-abundancia de inutilidades—mesmo nos autores que possuem recursos para fazer uma obra—e não a fazem porque nunca passam de inimicos amadores. Contudo, é preciso não esquecer que Portugal tem muitos seculos de existencia e era impossivel viver-os sem exceções gloriosas. Conheço, em russo, apenas dois autores relativamente modernos: Alexandre Herculano, que foi

traduzido pelo saudoso Yvau Petceff, em 1906 e Eça de Queiroz, cuja obra está toda publicada pelo nosso Governo na selecção dos maiores escritores mundiais. Conheço ainda, traduzido ao francês, ao italiano, ao inglês e ao alemão outros autores como Camilo Castelo Branco, Garrett, Dantas, Dmiz, Oliveira Martins, etc. De todos, o que me fez vibrar foi Queiroz. A sua «Reliquia»—é um dos mais formidaveis ataques ao clero que conheço. «Cidades e Serras» é uma maravilha. Os «Maias» dum auto burguezismo admiravel! De Julio Dantas li, em italiano, a «Ceia dos Cardeais» e «Reposteiro Verde» (teatro). A primeira, como specimen do teatro burguez suplanta os mestres francezes do mesmo genero; o segundo, sim—está na nossa época e tanto assim que o inclui na lista das obras internacionais que o teatro de Mayeska deve representar este ano. Contudo, em Portugal, está por fazer-se a literatura do proletario e este, para a conhecer é obrigado a ler traduções russas».

Gorki é Gorki—e estes comentarios têm, pelo menos, o valor jornalístico de uma critica independente de todas as coteries e sugestões—

porque não consta que o autor dos «Ex-Homens» frequente a «Brazileira» do Chiado...



Maximo Gorki



**O Romance da Cigana detective**

Já se sabe onde se encontra a cigana Maria do Carmo, a infeliz mulher do não menos infeliz José Calixto, condenado como auctor dum crime que não cometeu.

A heróica vítima, no decorrer da sua peregrinação para a descoberta da verdade, adoeceu e teve que recolher a casa amiga em Castelo Novo, donde lhe dia deu notícias a seu marido. Não se confirmam, pois, felizmente, as suspeitas de que a Maria do Carmo tivesse sido vítima dalguma cilada.

Sabemos que o sr. director das Cadeias Civis tomou a resolução de se interessar pelo caso do Calixto, em vista dos factos de que tomou conhecimento em favor do condenado. Caem pela base, assim, todas as sugestões que até nós têm chegado para arriparmos caminho, dando o dito por não dito. Não só isso não está nos nossos costumes, como também não é possível, sem nos convencermos de que erramos, fazer-nos desviar da rotina traçada, certos como estamos de que nos encontramos dentro da verdade.

Dum bememérito anónimo recebemos uma carta acompanhada de cinco escudos, quantia destinada a abrir uma subscrição para custear as despesas com as diligências necessárias á revisão do processo do Calixto. De bom grado nos associamos ao desejo do referido anónimo, contribuindo o «Reporter X» com cinquenta escudos.

Temos pois, já, cinquenta e cinco escudos Venham mais donativos!

**Uma fortuna passada aos direitos...**

Na Chamusca foi vendida uma propriedade por cerca de 6.000 contos, tendo sido manifestada ao Estado, para efeitos do pagamento das respectivas contribuições, por pouco mais de um milhão de contos.

O caso deu escândalo e foi levado para os tribunais, intervindo como defensor do réu um advogado de Lisboa, C. M., tendo sido este absolvido na primeira e segunda instâncias. Não consta que o processo tenha subido á ultima instância, como é de lei, como também se não sabe onde pára o mesmo processo.

O assunto merece ser tratado com largueza, pois encerra um des caso mais importantes passados pelo fóro português. Estamos a documentar-nos, para voltar a êle num praso que talvez não vá além do próximo numero do «Reporter X».

**O desfalque da «Vacuum»**

Os nossos leitores estão lembrados: Acerca do desfalque praticado na Vacuum pelo respectivo caixa, José Figueirêdo Santos, «Reporter X» publicou as reportagens que foram uma revelação, pois aemonstraram a perfeição dos nossos serviços, dando a conhecer factos que nem mesmo a policia descobrira. Assim, na nossa segunda reportagem sobre o assunto, nós revelamos que o desfalque tinha sido maior do que o apurado, bem como dissémos quem seria um possível cumplice.

A policia de investigação pela pessoa dum dos seus componentes, o agente Jerónimo,

reatando as suas investigações, descobriu já que o Figueirêdo Santos, durante os oito dias que andou fugido á acção da policia, estivera escondido numa quinta em Rio de Mouro, propriedade do comerciante de Lisboa, João de Sousa, que podemos classificar de emulo do primeiro advogado, neste caso, de Figueirêdo Santos. Apurou mais que este comerciante recebeu cem contos, como empréstimo, da mão duma senhora de nome Alice Noronha, residente na Rua Luis de Camões, tendo servido de intermediário nessa transação, o Figueirêdo Santos, que mascarou assim a sua verdadeira acção de autêntico crédor de João de Souza, pois os cem contos que este recebeu eram emprestados pelo Santos e retirados por este da Vacuum.

O caso, como se vê, é muito mais complicado do que parecia á primeira vista, sendo de esperar, não só das investigações a que o agente Jerónimo já procedeu, mas ainda das que tem de realizar, de harmonia com os factos por nós apontados, grandes surpresas.

Aproveitando o estarmos—como é vulgar dizer-se—com as mãos na massa, não queremos deixar de nos fazer eco da estranheza causada por a Direcção da Vacuum se haver desint resado deste caso, em que so reu um prejuizo de algumas centenas de contos mais do que de inicio se apurou.

Não lhe convirá que se continue a mexer no assunto, ou será apenas o desejo de não *carregar mais a responsabilidade do Santos, de cujo castigo não tira lucro algum, antes pelo contrário!*

Quanto ao Santos que, segundo nos consta, está sendo subsidiado pelo Barateiro, que os nossos leitores já conhecem, recebemos dêle uma carta, já ha tempo, na qual protesta contra as afirmações contidas na nossa primeira reportagem, por não serem verdadeiras e nos pedia para o irmos ouvir. Fômos, e confessamos, não nos convencemos com o seu desmentido e a prova é que cá estamos no mesmo ponto.

**Papel prateado transformado em pão!**

Existe um asilo que é uma das verdadeiras instituições de caridade do nosso país, que vive, exclusivamente, da venda de papel prateado. Os fumadores que, esgotados os maços de cigarros, deitam fóra o involucro—podiam, sem esforço colaborar nessa obra de piedade, remetendo-nos o papel prateado que fóra os maços para que nós, por nossa vez, o enviarmos ao asilo.

Valeu?

**Fosforos fosforecentes**

Não existe nada como a concorrência—para beneficiar o publico... A morte do monopólio dos fosforos—veio melhorar consideravelmente o fabrico nacional. As companhias já se degladiam entre si—oferecendo premios, organizando concursos, para que o publico as preirram em desfavor dos concorrentes. Não temos a menor base para murmurar contra este genero de publicidade, que é legitimo e que, estamos certos, é realizado dentro da maior honestidade. Mas é necessario que se defendam contra... a falta de honestidade alheia...

Segundo nos informam existe uma tabacaria cujo caixairo já amaealhou vinte premios—das

que veem, pelo processo das «surpresas» dentro das caixas. Como? E' que esse caixairo—e ele não é caso único ao que parece, descobriu o segredo das caixas que contem o premio. Basta abri-las e observar a cor da massa dos fostoros. E assim, sem perigo nem dificuldade, retiram o premio, fecham as caixas, vendem-nas ao publico—e este é que fica a arder... Não seria possível que os fabricantes selassem todas as caixas?

**Incentivo á cabulice ou o conto do vigário em acção**

Deparamos n «Diário de Noticias», subordinado ao titulo *Notas dos Liceus*, com o seguinte anúncio: «TODOS os alunos que tenham más notas podem salvar o ano. Aqueles que não possam obter passagem por média, serão levados a exame sob a nossa responsabilidade. Todos os nossos alunos no ano anterior ficaram aprovados. Professores C. dos Liceus diplomados e especializados. TODA A GARANTIA. Rua Pinheiro Chagas, 44, r/c (ao Matadouro)».

Salvo melhor opinião, este pequenino recorte de jornal representa o incentivo á cabulice ou o réclame a uma vigarice, contra a qual não se deve fazer esperar a sanção da lei, imposta pela Inspecção Geral do Ensino Particular, a cujo illustre Inspector nos permitimos recomendar o assunto.

**A última de Hitler**

Esse aventureiro austriaco que se encarnou no simbolo do patriotismo alemão e do imperialismo prussiano; esse antigo comunista que se transformou em idolo dos burguezes neo-conservadores—Corresponde, em forma plebeia, em tinta berrante, ao palhacismo estilizado do Kaiser — tal como o Kaiser foi caricaturado por Tom! Hitler tem sempre... a ultima que se conta dele! A mais recente é a que descobrimos num jornal panfleitario de Leipzig—«Die Wanderer». Diz o que segue: «O maior escandalo que se cochicha actualmente em Berlim e a emissão de papel-moeda anunciada por Hitler. O que poucos sabem é o segredo dessa emissão. Na policia berlimense existe um



Um dos cartazes contra Hitler

comissario—Dr. Tobber Heyerd—que está no index dos seus chefes por causa das suas ideias avançadas. Dr. Tobber, inimigo fidalgal de Hitler ha muito que extranhava o misterio que cerca o financiamento—e o esbanjamento—dos nazies. Graças a vários *trucs Sherlock-Holmescos* o comissario conseguiu provar a existencia de uma fabrica de notas falsas, chefiada e... trabalhada pelos homens de Hitler. Quando isto constou e o escandalo ameaçou fogueatear por toda a parte—a alta politica afastou o Dr. Tobber e... aba-

(Conclue na pag. 14)

## OS SEGREDOS ÍNTIMOS DE LORD JELICOE

## "O Reporter X" fala ao Vencedor da Jutlandia

**Recordam-se as horas tristes da Guerra — Um grande soldado inglês — Na escola, no sport, na Guerra — Um nome que é um símbolo...**

**Q**UIEM viveu aquelas horas ansiosas de incerteza durante a Grande Guerra, deve lembrar-se ainda do nervosismo que de todos se apossava à hora da saída dos jornais, para ler «as últimas notícias» — vagas e indecisas quando não completamente mutiladas pela censura... *branco* aqui e acolá que se prestavam às conjecturas mais assombrosas sobre avanços ou recuos das linhas inimigas ou amigas...

«Madrid 20 — Notícias recebidas de Berlim confirmam que os alemães forçaram as linhas...»  
«Londres 20 — São infundadas as notícias vindas a público sobre um avanço alemão na frente oriental...» «Consta que se feriu um violento combate no Oceano...» «No Oceano tem havido absoluta calma, foram apenas torpedeados mais dois navios de passageiros e três «cargos»...» e assim fôra o noticiário da véspera, assim era o dêsse dia, assim seria o do dia seguinte... Quem viveu essas horas ansiosas de incerteza deve certamente lembrar-se.

Quando, em 2 de Junho de 1916 — já estavam em França alguns dos nossos regimentos — os diários da capital publicaram a primeira lacónica notícia, de que se ferira um importante combate naval no mar do Norte com grossas perdas de parte a parte, não faltou quem glosasse êsses primeiros telegramas como uma derrota definitiva para a esquadra inglesa... e para todos os aliados — que não poderiam resistir ao embate moral que um tal successo forçosamente acarretaria... No dia seguinte o doentio pessimismo alguns fracos patriotas mais se alimentou pela escassez de notícias sobre o combate. «As perdas foram mu to importantes de ambas as partes...» O que sucedera? Teriam os *bogues* finalmente conseguido romper o bloqueio inglês, e agora assolavam os mares levando o terror e a morte a todos os oceanos? E se assim fôsse? Que seria da Rainha dos Mares? Uma vitória alemã no mar do Norte era a derrota infalível de todos os povos aliados... Chocavam-se estas suposições e perguntas e, os *menos animados* sentiam agora mais abalada a confiança nos resultados da guerra e acusavam mais à vontade também, os *imprudentes* que levaram a Pátia a compartilhar na grande conflagração — não percebendo que essa tinha sido a única solução digna dum povo que quer e sabe ser independente.

O dia 4 trouxe com o apregoar matutino dos jornais um novo alento de esperança: Só alguns *pessimistas* e os *germanófilos* afirmavam ainda que a batalha fôra a derrocada final dos aliados — apesar da clareza insosmível das notícias dêsse dia: — «O almirante inglês confirma ter havido um encontro entre as esquadras alemãs e inglesas ao largo da Jutlandia, no mar do Norte, a primeira sob o comando do Vice Almirante Von Sheerer e a segunda sob a directa orientação de Lord Almirante Jellicoe. As perdas inglesas foram as seguintes — 3 cruzadores coraçoados, 3 cruzadores e oito contra-torpedeiros, num total de 14 unidades. Da parte do inimigo verificaram-se os seguintes perdas: 2 coraçoados, 3 cruzadores-coraçoados, 3 cruzadores ligeiros, 6 contra-torpedeiros e 1 submarino num total de 15 unidades.

A esquadra alemã fôra forçada a recolher ao abrigo da zona fortificada às primeiras horas da manhã do dia 1. Já há muito se esperava uma sortida daquela esquadra, tendo coincidido esta com a nomeação recente de Von Sheerer para o Comando Geral. Cêrca das 15,30 horas do dia 31, uma patrulha de cruzadores ligeiros ingleses da esquadra do Almirante Beatty, entrou em contacto com a esquadra inimiga.

O grosso da esquadra inglesa sob o comando

de Jellicoe chegou porém a tempo de dispersar o inimigo transformando a sua aparente vitória numa verdadeira derrota!»

A imprensa, dias depois, foi dando mais detalhadas notícias, devidendo-se a opinião pública inglesa na apreciação da decisiva acção desenvolvida por Jellicoe... Vencera, mas não derrotara e o brio de alguns ingleses não perdoava: Vencer! — defendiam outros — nada mais era necessário para a Vitória! e fôra mais prudente assim...

Quem era êsse homem frio que soubera vencer e não se embriagara na victoria limitando-se depois a perseguir o inimigo mais moralmente derrotado do que materialmente destruído? Qual teria sido o resultado duma nova batalha? A missão da Esquadra inglesa e bloquear... e a esquadra inimiga ficaria encerrada para sempre, como ficou, depois desse encontro... apesar da prudência do vencedor.

John Rushworth Jellicoe, 1.º conde de Jellicoe, Visconde Brocas of Southampton, Visconde Jellicoe of Scape, filho do terceiro barão de Jellicoe, nasceu em Inglaterra em 1858. Descendente duma familia de marinheiros, cursou muito novo a Real Escola Naval inglesa, obtendo os mais altos louvores e premios. No sport — foi sempre dedicado desportista — não sendo dos mais audazes era porém dos mais seguros e assim se tornou um elemento disputado entre os grupos escolares de cricket que jogava com calculo absoluto... sem a menor imprudencia.

Este herói da Grande Guerra, atormentado por um esgotamento fisico veio fazer uma cura de repouso e entregar, prudentemente, o seu tratamento nas mãos habeis dum medico português — o Sr. Doutor Carlos Larroude que consigo esteve na Madeira.

Alguns dias naquela abençoada Ilha do Atlantico e a cuidadosa atenção do seu medico assistente, tanto bastaram para que o grande almirante pudesse há poucos dias passar por Lisboa, já de regresso a Londres e, à passagem, aproveitasse as poucas horas em que o navio se conservava no Porto, para correr ao Estoril a fazer um golf... jogo de homens prudentes — que requeire como nenhum outro, o mais completo dominio da vontade sobre todos os nervos e musculos.

Procuramos falar a Lord Jellicoe no «Arlanza» e para isso corremos o navio em sua busca. A sua cabine de luxo — cabine N.º 1 — foi-nos por momentos... num simples relance, tivemos algumas interessantes revelações da sua intimidade. Cinco ou seis livros espalhavam-se sobre a mesa... Romances, um estudo sobre Ibsen, e um grosso volume aberto e anotado «King Charles II» by... não tivemos tempo de ler o nome do autor.

Numa nota de beleza e frescura sobre o toucador, duas ou três provas fotograficas — uma jovem esbelta, de calma e loira beleza, em fôto de banho; varios instantaneos de arriscados saltos da mesma jovem apenas com uma data. — Madeira, Março de 1932.

— O herói da Jutlandia não estava certamente a bordo, só nos restava espera-lo pacientemente. E já faltavam poucos minutos para a partida do navio quando vimos ao longe, aparecer a pessoa que aguardavamos. — Corremos: leitas as apresentações, verificamos logo que não nos estava reservado ouvir respostas concretas ás perguntas que lhe disparariamos — A Irlanda, a India, algumas cousas de inedito sobre a Batalha?... Oh hol! am sorry... o vapôr está a partir... Olhe estou muito melhor, vou encantado com esta terra que tambem conheço, e voltarei. Estou muito melhor: Você joga o golf? Então fique sabendo que em sete «holes» fiz esta manhã dois *bogey*s...



O almirante Jellicoe (no meio) tendo à direita o nosso redactor Lutz Lupi e à esquerda o seu medico português, Dr. Larroude

As minhas «Memorias» não tem memorias a escrever, um homem que foi um simples soldado... Apontamentos, mères apontamentos apenas para proteger a memoria de velho reformado... Um dia glorioso, não acha? Good bye, e até um dia breve.

Senhor doutor, quer dizernos alguma coisa inédita sobre a vida intima de Jellicoe, a sua doença? — Perguntamos ao Sr. Doutor Larroude assim que desembarcou depois de afectuosamente se ter despedido do seu nobre cliente.

— Da sua doença... que está muito melhor, completamente restabelecido. — Da sua vida... Olhe, não há certamente surpresas na vida deste Grande de Inglaterra, — nunca tive doente mais obediente e cumpridor de todas as prescrições. — Tem a vida calma e clara de quem sempre cumpriu o seu dever e pode ser feliz...

(Conclue na pág. 15)

## DRAMA DO RIVOLI

## Entre Eva Stachino e Zulmira Miranda

**Quem e porquê levou Eva Stachino à sua loucura? — Os antecedentes — A scena do telefone — O jovem que esperava no bar — O passado de Eva Stachino — A esposa do general Moreno, ministro da Guerra — O adultério — A actriz de revista — A vingança de mulher burlada no seu amor**

Se existe profissão que estigmatiza, física, moral e espiritualmente o homem — ou a mulher... — essa profissão é a do teatro. Quanto maior é a honestidade do artista em se contorcionar e moldar e viver as vidas que representa no palco — maior é a elasticidade em que gasta os seus nervos, a sua alma, o seu rosto... E' um exercício tão violento, tão profundo, que não existe resistencia de individualismo que possa demarcar fronteiras entre a ribalta e o mundo exterior. Dahi o romance convulso, ininterrupto em que vive a gente do teatro, entre ela ou os que, não sendo do teatro, dela se acercam. Intrigas, folhetins, conflitos labirinticos, misteriosos, impenetraveis, xadrez amoroso dos mais complexos... E' raro, porém, que os actores, representando na vida os sentimentos que vivem no palco — ou vice-versa — revalem no drama espectacular, na tragedia sangrenta. Na pior das hipóteses — o artista suicida-se. O pugilato é raro. O crime quasi inedito — mesmo — naquele terreno que eles mais cultivam — no *passional*...

O drama — pode-se chamar drama, e já vou dizer porque — de Eva Stachino — Zulmira Miranda impressionou, até à obsessão o público — precisamente pela sua originalidade dolorosa... Senão vejamos...

**A síntese do caso...**

Poucos, pouquíssimos serão aqueles a quem interessa a narrativa do que succedeu — ou do que o público viu — a fachada, o cartaz berante, o desenlace ruidoso... Por isso me limito a evoca-lo em poucas palavras. A Companhia Eva Stachino e Santos Carvalho trabalhando no «Rivoli» do Porto representou a revista «Vamos ao Vira». A critica foi severa porque Eva, actriz mexicana, cantara fados furtando ao publico o gosto de os ouvir pela *virtuose* fadista — a actriz nacional Zulmira Miranda. Por iniciativa propria ou por contaggio das criticas — o público manifestou-se de varias formas contra o erro de Eva Stachino. Um semanario humoristico, no exagero caricatural que lhe é legitimo, levou o assunto ao rubro. Na noite de sabado, antes do espectáculo, Eva, acompanhada por Santos Carvalho, entra numa verdadeira epilepsia subitamente no cauarim de Zulmira Miranda e sem uma accusação, sem uma palavra que denunciasse os seus propósitos, Eva atirou-se à Zulmira, agredindo-a, retalhando-a com uma tesoura de

unhas segundo parece: oito feridas — seis no rosto, uma no braço, outra na orelha. Segundo constou, Santos Carvalho, co-empresario de Eva, que assistiu à scena, mas não só não evitou a agressão como a aplaudiu, ou a excitou. Escandalo! Eva e Santos Carvalho presos e incomunicaveis! O público a impacientar-se, a esboçar pateadas... Zulmira após um longo e doloroso tratamento, aparece no palco e explica à plateia o que se passou. Apoteose de simpatia... Telegramas, visitas, hipóteses, boatos... — e o dr. Sá Carneiro, filho, patrono da victima, toma conta do assunto, constituindo advogado de Zulmira. Entretanto os medicos declaram que as feridas não deixarão vestigios no rosto de Zul-



A actriz Zulmira Miranda posando para o «Reporter X» depois da agressão de que foi victima

mira — supremo vexame, suprema ruina para uma actriz. E' como uma cantora sem voz, um bailarino sem pés, um pintor cego... O publico da Porto, que tem sangue na guelra, ao saber o que se passava, enervou-se. Eva, entre lagrimas, pede socorro, tem medo que a matem é preciso que um official da policia lhe assegure que ninguem ousará tocar-lhe para que se deixe conduzir à prisão...

... Entretanto o telefone trazia, veloz, a noticia para Lisboa... A's dez horas já toda a capital discutia o que se passou... Os amadores de escandalos pediam, tambem pelo telefone, detalhes ineditos... A *Chic*, o café da gente do teatro, estava «à cunha». Uns afirmavam que Zulmira escapara da morte por um milagre porque Eva, na cegueira esterica em que se convulsionava não a deixaria com vida, se alguém não a arrancasse das suas garras... *delicadas*. Outros diziam que Eva, em choro convulso, jurara ter procedido sem intenção criminosa... «Foram os meus nervos

— os meus malditos nervos, os meus nervos doentes!» E ninguem se deitou até que, à cinco da manhã, estrelajaram no silencio da cidade os primeiros pregões do «Seculo» e do «Diario de Noticias»...

**O segredo do drama**

Zulmira — eu conheço-a ha muitos anos — é uma pobre rapariga, com todas as virtudes e defeitos do seu plebeismo nato — mas incapaz de uma deslealdade, de uma provocação. E' incapaz, entre outras razões, porque, para ela, o teatro é apenas o trabalho, o palco, a sua especialidade, o fado... Não vê criticas, não

se preocupa com as outras... E Zulmira Miranda sabia-o... Alguem teve interesse em acusa-la, aos olhos de Eva, duma falta que ela não cometera. Quem? Porquê? Sexta-feira pela manhã — e isto é inedito, á hora em que rabisco velozmente estas linhas — Eva defendia Zulmira. «Não — ela não foi... A Zulmira não me fazia isso — nem a mim nem a ninguem!» A hora do jantar, chamam-na ao telefone. Eva impalidece, range os dentes, esboça um sapateado nervoso — sem largar o auscultador: «Juras que é verdade? Juras que foi ela?» A pessoa que me informa ignora, já se vê, o que disseram do outro extremo do aparelho. «Pois apesar de tudo acrescenta Eva — eu sem provas não acredito! O quê? Tens provas? manda-mas.» Eva não acabou de jantar — uma ve-

lhota que frequenta bastidores apareceu e pediu para lhe falar. Entregou-lhe uma carta e exigiu que lhe restituísse o que «ia dentro». O envelope continha trez folhas de papel... Ao relancear a vista por esses documentos — a actriz mexicana exaltou-se até a ferocidade, praguejando, gesticulando, berrando como uma louca... Correu a seguir ao teatro — e pouco depois... a scena trágica já narrada...

Entretanto a velha, que se colhia os papéis que ela deixara arrancar das mãos — dirigia-se a um bar portuense e entregava-os a um jovem lisboeta, um exhibicionista do automobilismo que fora na pista da Companhia até ao Porto e que, em Lisboa, frequenta assiduamente os palcos teatraes. Esse jovem — viram-no entregar algumas notas á intermediaria — dama de idade e de cadastro — depois de ambos cochicharem com tom de conjura. Mais: na vespera alguém invadiu o quarto da actriz Zulmira Miranda, na pensão de Santa Catarina, onde se hospeda — causando sérias suspeitas á

testemunha dessa invasão. Ao que consta Zulmira, avisada do que se passara na sua ausência, apenas deu por falta de um autógrafo seu — sem importância aliás: algo como uma carta para a família ou apontamentos de rouparia...

Que significa tudo isto? Quem foi o machavelico que urdiu todo este drama de bastidores, fazendo com que a pobre Zulmira ficasse dolorosamente ferida; e Eva Stachino presa, vexada, impopular, impossibilitada de tornar a representar em Portugal e no Brasil? Vingança? Plano secreto que possa envolver as lutas entre os empregados visto que as *tournées* que se preparam para o Brasil, se degladiam entre si? Das duas hipóteses — a mais verosímil é a primeira — e nesse caso qual das duas constituirá o algo da vingança? Zulmira? Eva?

Mas a segunda hipótese não é para desprezar. A luta entre empregados tinha, nas últimas semanas, tomado uma feição de certo modo violenta — artistas que se passavam dum para outro lado, marcações de passagens feitas com precipitação, intrigas, etc. Embora nos custe acreditar que se tivesse especulado com um incidente quasi banal a agitação de Eva a Zulmira — a verdade é que os jornais brasileiros receberam, de Lisboa, e publicaram em parágrafos, telegramas em que o caso era relatado exageradamente, a tal ponto que até se classificava a pobre Eva de «faquista»!

Qual a origem dessas notícias?

Precipitação das agências telegraficas? Propósito de criar mau ambiente a uma das companhias?

A verdade é que alguma coisa se conseguiu à primeira impressão. Transcrevemos de «O Seculo».

*O empresario José Loureiro recebeu, esta noite, dois telegramas do Rio de Janeiro, dos seus socios, no primeiro dos quais declaravam desistir do contrato da companhia, pois foi grande o escandalo provocado naquela capital pelas noticias publicadas nos jornais dali. No outro, rectificavam a sua resolução dizendo que a companhia podia seguir, mas sem Eva Stachino.»*

Esta transcrição como se vê é elucidativa...

O caso, porém, está em vespas de ser esclarecido, segundo as nossas informações.

Muito seria para desejar, porém, que se não confirmasse esta segunda hipótese por que seria um gesto pouco para louvar por muito tortas que sejam as linhas da cartilha por onde leem os que tratam de negócios...

### Quem é Eva Stachino

O publico português conhece Eva Stachino desde que a Companhia Espanhola Velasquez a trouxe pela primeira vez a Lisboa — ali por 1925. Nessa época era ela cortjada por um simpatico norte-americano M. C... Foi logo notada pela excentricidade quasi burlesca da sua arte, pelo seu americanismo, pela sua vivacidade. O Variedades, que se inaugurara pouco antes, fez todo o possível para arrebanhar para o seu elenco — o que não conseguiu por uma diferença de dinheiro. Eva pedia 12 contos — e a empresa só podia dar 8... Mais tarde, Velasquez faliu, Eva viaja pelos Estados

Unidos — recebi dela um postal datado de Los Angeles — e reaparece em Portugal, depois duma *tournee* pela Espanha, dirigindo uma companhia de revistas — «Baby Reviews». Trabalhou em Lisboa, no S. João do Porto, e por tal forma se adaptou ao meio que já não tornou a sair de Portugal, a não ser em *tournees* pelo Brazil... Dizem até que se naturalizou portuguesa...

Eva Stachino é uma mulher inteligente, invulgarmente culta, mas nervosa, inquieta, dum histerismo de facil erritação... Quem ignora o seu passado — não lhe perdoe o seu genio. E' preciso conhecer o grande drama da sua vida para ser um pouco mais generoso...

Pertencente á aristocracia do Mexico — o unico paiz da America que possui aristocracia de «verdade» — ela gozou uma juventude de *niña-bien*, cortjada por jovens gentlemen, vivendo em salões, *fives*, *tennis*... Um dia, o general Moreno — um general de 30 anos, como quasi todos os generaes desses paizes — apaixonou-se por ela — e ela julgou encontrar nele o heroe de todas as suas fantasias.

Um casamento de amor — e todos os profetas juraram que não podia haver casal mais vanturoso. Vem a revolução de Calles — a primeira — e Moreno um dos herois da revolta, é nomeado Ministro da Guerra. Eva sobe sempre, em categoria social — e cada vez ama mais o seu marido, amava-o como... um amante, como se esse amor fosse uma loucura! Tem filhos — e os seus filhos tornam-na mais terna, mais sedutora, no esplendor do seu lar. Um dia — uma carta anonima — vem esfarelar todo esse Castelo Doirado. Moreno tem uma amante — uma amante sem bellesa, sem amor. Ela não acredita — mas cai no inferno da duvida. Espia-o, segue-o, surpreende-o. Era verdade! O que ela sofreu! O infiel ajoelha-se, suplica-lhe o perdão, faz-lhe juramento sagrado. Tudo inutil... O odio veio já apor-sar-se daquele coração — a transbordar de amor. Ele passa da humildade á violencia. Quer enclausurá-la. Ela revolta-se, foge com os filhos. Ele, ministro da guerra, senhor que tudo póde, arranca-lhe as creanças dos seus braços — sem ver que eram elas a ultima barreira que a separava da vertigem. Para se vingar — faz-se actriz — mas actriz de revista, através do teatro mais nu, do teatro mais impudico — o teatro a que pertencia a amante do marido. Na peça da estreia exige papeis em que o seu corpo se exhiba á plateia, em que os «couplets» a obriguem a uma nudez de alma igual á do corpo... E assim se vingou do homem que amava...

A partir dentão — Eva Stachino, a virgem-galante e delicada da aristocracia mexicana; a dama poderosa, a esposa do ministro da guerra, transformou-se em M.<sup>ma</sup> Satan ora gargalhando como uma bacante, ora agitando-se, em coleras ferozes, como uma epileptica... E' que, apesar de tudo, Eva Stachino não conseguiu sarar as feridas da alma — a dos seus grandes amores, a de mulher burlada na sua dignidade de esposa e roubada na sua ternura de mãe... E é preciso concordar... Essas feridas são bem mais graves do que as que a pobre e simpatica Zulmira sofreu...

Contudo — verdade é tambem — a pobre Zulmira não teve culpa das suas fatalidades passadas...

R. X.

## O segredo dos escritores que vendem muito...

Os portugueses não compram livros — dizem autores e escritores, editores. E logo, como contraste, evocam as grandes tiragens de Wallace — que vendia uma media diaria de 5.000 exemplares das suas 200 obras; ou de Benict que ganha 10.000 francos diarios de direitos de autores; ou do Remarque — o romancista alfitivo de «Nada de Novo na Frente Occidental» que, logo, nos primeiros seis meses do lançamento espalhou 3.000.000 de volumes, em doze edições por esse mundo fora. Outros, antipodas pelo pessimismo — explicam esta nossa miseria pela estreiteza de mercados — perguntando: «Como querem vocês que se viva da literatura em Portugal, se Portugal tem apenas 5 milhões de habitantes; se desses 5 milhões apenas 1.500.000 sabem ler; e dos que sabem ler só 100.000 se interessa pelas letras; e desses apenas 10.000 estão em condições de comprar livros; e desses 10.000 mais de 9.000 leem... pedindo emprestado os livros que desejam?»

Em Portugal ha muito mais gente que lê do que aquela que se supõe. O ano de 1929, entre volumes portugueses e estrangeiros, venderam-se em Portugal, ilhas e colonias 585.000 livros! O que é preciso é escrever para o publico compreender — e editar de forma a que o publico compre. Facilmente se elevava esse numero ao dobro, ao triplo, se escritores e editores... entrassem na epoca em que vivem... E sendo assim — podia haver em Portugal 50 homens a viver exclusivamente das letras havendo, para repartir entre eles, perto de 3.000 contos anuaes!

Vejam a Inglaterra que é dos países que mais leem, em que a classe de escritores profissionais é mais numerosa e mais prospera.

Entre mil sistemas que usam para intensificar a venda do livro existe o da «livraria ambulante». Cada editor possui varios *camions* apropriados, que percorrem, de norte ao sul, a Inglaterra; que acampam nas vilas e aldeias mais insignificantes com fungagás e foguetes, e que multiplicam fantasticamente o comercio de livros. Basta a seguinte estatística de de um editor de Manchester precisamente aquê que lançou Conan Doyle ha 50 anos e há 20 Edgar Wallace. Eu comecei em 1922 por enviar um só *camion* ás terras onde existiam poucas livrarias. No primeiro ano, um *camion* percorreu 147 terras e vendeu 22.275 volumes. Hoje tenho 5 *camions* que visitam 487 terras e que colocam 2.700.000 livros!!! E com que entusiasmo essa gente os recebe!!! Um *camion* ambulante, com feras e elefantes não provoca maior delirio. Tenho a alegria de saber que só esta minha iniciativa habituou a ler mais de 300.000 ingleses, que dá vida a dezenas de escritores e que obriga muito analfabeto — a procurar não o ser!

Senhores editores! Os vossos colegas ingleses são ricos e não desprezam uma só oportunidade de vender mais! Vos que vendeis pouco — porque não os emitaes?

## Romances portugueses em Londres

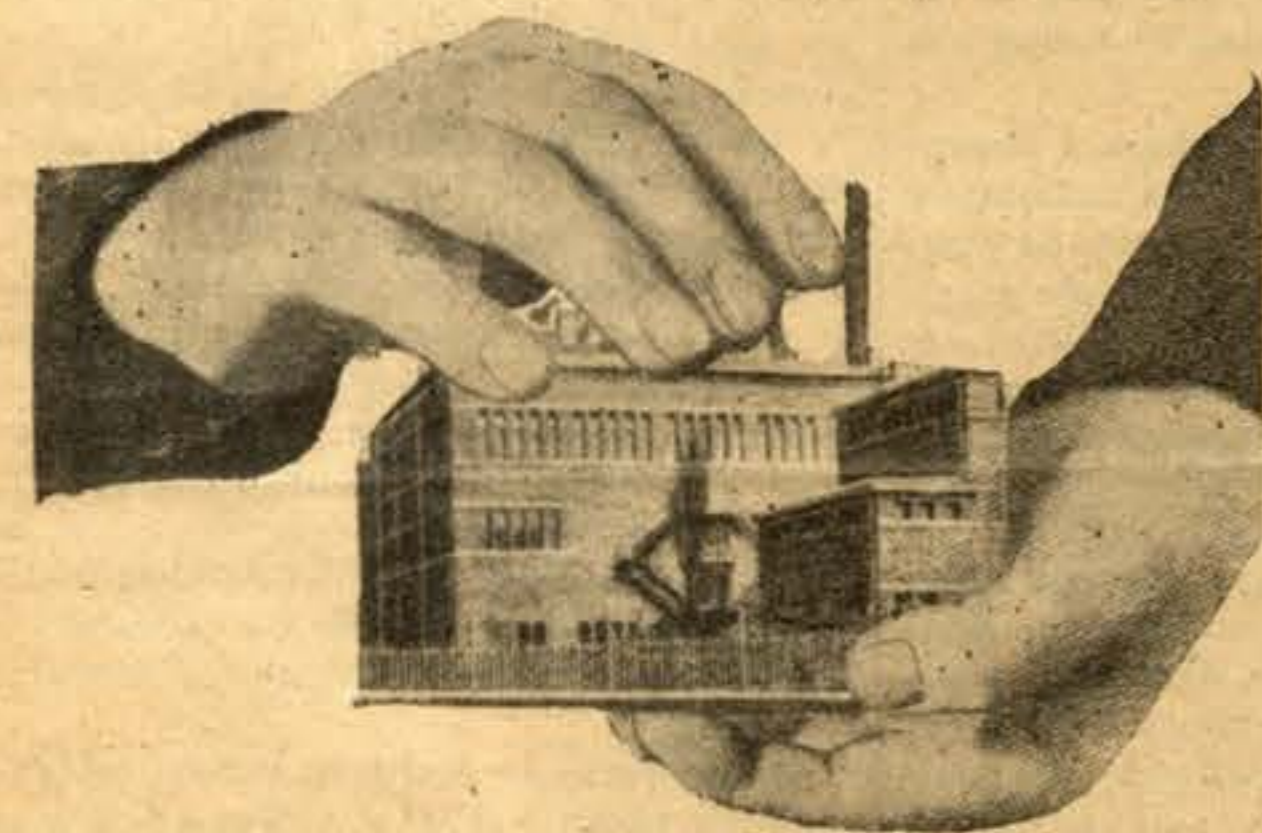
No dia em que Alves Reis, na Penitenciaria de Lisboa, lança o seu livro de confissão

O «Lon Chaney» dos «escrocs» — Do «Parque Mayer» a um «restaurant» de Pall Mall — As revelações de Angola & Metropole e a pista do agente Paulitos — Os «internacionais» que queriam ser chefiados por Alves dos Reis — As reincarnações de Gen — Onde Alves dos Reis, n.º 2, conheceu Alves dos Reis, n.º 1

Uma hipótese: tu leitor, leste e por isso és leitor nos jornais, a noticia da morte dalgum que tout-lisbonne — e «tu» também — conhecem; noticia que é apenas a confirmação do boato que sirandou toda a tarde, pela cidade num rabião de comentários e lamentações; noticia que os jornais ilustram com a foto macabra do cadaver dormindo o shackesperiano sono, encaixotado já no esquippe — de dedos entrelaçados sobre o peito e um cruxifixo á cabeça. Saíste de casa sismando na vida do que morreu — e na morte dos que ainda vivem, glosando essas reflexões com o oportuno «to be or no to be»...

Subito encontras um cavalheiro que te desfleixa numa cilada á tua sensibilidade: «Sabes quem é que eu deixei agora em Londres, radiante de saúde? Fulano! «Todo o ruído que se orquestou á tua volta se silencia, como se a multidão que passa, o vento que sopra, os autos que passam, te acompanhassem no espasmo que esta novidade te provoca — visto que fulano de que te falas só pode ser o fulano que morreu, o fulano que toda a gente sabe que está, ha longos mezes no leito, como um campeão de box no ring em pugilato com a Eternidade!

Ora eu creio possuir os mesmos direitos civis do que tu, leitor. E se a igualdade humana não é uma utopia — pelo



Enquanto Alves Reis sofre os rigores da clausura, um outro Alves dos Reis manobra em Londres

menos no referente ao sistema nervoso, — não se te afigura inverosímil que eu ficasse com o espirito em... «aspiral rolante» como Lecoq de «Les Fons» de Montagne. Mas eu conto... No dia em que estrelajei em todo o paiz o livro de Alves dos Reis — e em que a foto-cromo da capa acinematografava as vitrines dos livreiros — mergulhei, com profissional curiosidade, certa entrevista dum diário nocturno que o comentava, ao vivo, a outra, evocando nos o famoso Sardou do Angola e Metropole, tal como o meu colega o «ira e lhe falava, aqu-la mesma tarde na Penitenciaria. Um «sem rumo» despegára-me no Parque-Mayer — ainda com a gazeta nas mãos. O primeiro encontro, ao cruzar o angulo do Teatro das Variedades, foi com o colega, autor da reportagem. «— Que impressão me deu Alves dos Reis, perguntas tu? Do homem que fracassou no seu mais alto castelo de ambicioso, que quer resignar-se a esse fracasso — mas que não consegue esterilizar a força criadora com que foi dotado! Quando o deixei — ha poucas horas, disse-me: «— Ha quasi seis anos que não saí daqui! Que Niágara de ideias — nesses seis anos!»

Dei mais uns passos procurando criar um grafico, uma exemplificação mental para esse longo periodo de clausura — quando sou de novo abordado por alguém — que, no primeiro momento não recordo quem possa ser. Durante minutos escuto-o como um Kodak que foca, que tictaqueia, mas que... não tem chapa. Escuto-o — sem o ouvir. Subito, como se a pessoa que me falava tivesse berrado numa gritaria de baritono de opera em final de acto — entra-me pelo cerebro dentro a seguinte frase: «Final os senhores sempre absolveram esse biqueiro — socio do Angola & Metropole... Ah! Como se chama? — Alves de los Reis... Pelo menos, foi o que elle me disse — mas não me custa a acreditar que se tivesse evadido... Quem me informou? Mas ninguém... Falei-lhe eu proprio em Londres... Mais: estivemos jantando em vis-à-vis num dos restaurantes: «ABC» do Est-End — em Piccadilly, se não erro. Contou-me uma historia — que provava a sua inocencia, que ia reabrir o banco... Como? Se foi ha muito tempo? Eu cheguei hontem, no «Sud»; parti, portanto, ante-hontem, de manhã, de Paris onde cheguei na vespera... Foi no meu ultimo jantar londrino — ou seja ha quatro dias.

Qual equivoco... Bem digo eu que você não se lembra de mim... Fui testemunha do processo Marang, em 1926, em Haya... Recorda-se de Hymens, o advogado — que nós apresentou? O tribunal exigiu-me precisamente porque era eu a primeira pessoa que tratou com Alves dos Reis, na Holanda... Fui testemunha e interprete — visto que fido português. Ora como havia eu de equivocar-me tomando outra pessoa por Alves dos Reis. Reconhecia-o entre mil!!! Alem disso — ele falou-me, deu-se a conhecer, cavaqueou comigo, recordou o passado. Sofre talvez daquela amnesia a que os medicos chamam «memoria-tremida»: grande clarcza nuns pontos — confusão ou lacuna noutros... Mas era elle! Oh! Se era! Posso jurar! Explique-me como foi que elle conseguiu libertar-se das suas tremendas responsabilidades».

E agora leitor: em que estado ficarias depois disto?

### Aparece o Alves dos Reis n.º 2

A pessoa que me fez esta revelação, no Parque Mayer, nesse dia memoravel, pouca inter-ssa — depois do que já dela expliquei: que era holandez, que conhecera Alves Reis na Holanda desde a sua primeira viagem, que fôra testemunha e interprete no julgamento de Marang, em Haya, em 1926. Mais alguns pormenores para que a ficha fique suficientemente esclarecida: chama-se M. Leo Hope; é alto funcionario num banco de Rotterdam, não é louco, nem imbecil, nem aldrabão — perdõem-me o termo mas Nascimento Fernandes ergueu-o ao vocabulario das palavras literarias — visto que o teatro... é uma forma de literatura como outra qualquer... De facto, quando se me dirigiu, num alarde de boa memoria — julguei que vinha pedir-me fogo — ou fazr qualquer pergunta do «Orlendorff dos Ilustres desconhecidos» que nos abordam na rua. Primeiro, evocou-me uma ceia de Natal, em Paris, em 1930 — com Cosme da Costa, Americo de Azevedo e outros portugueses que o acaso reuniu em «La Coupole» — entre os quais elle entrava como embaixador da nostalgia neerlandeza; depois evocou a sua Holanda: o julgamento de Marang — o pobre Benohel; um passeio a Doorn que demos juntos, um lunch no Grande Hotel das Indias...

E pouco a pouco, á medida que desfiliavam pessoas e factos pelos seus lábios



...1?



...2?

— a penumbra que o distanciava foi dissipando — e, num desabiochar de recordações — até que elle conhecido se sobrepoz ao elle ignorado e o definiu.

Narrei-lhe então — a verdade — o cruel destino de Alves dos Reis, a severidade da pena a que fôra condemnado, o livro que publicara, a entrevista que concedeu a um diário; as impressões pessoais do jornalista que o entrevistara poucas horas antes — e que me falara, havia minutos. E foi tão aflitiva a mascara que lhe cresceu o rosto — que me senti aliviado da auto suspeita de loucura que me atacava pouco antes porque então o louco parecia ele. «Dasas possible! — repetiu. Mas eu falei-lhe em Londres há quatro dias!»...

### O tal bando internacional

Quando foi a confissão sensacional de Alves Reis — após não sei quantos mezes de jonglerie pasmosa (digna do mais forte matematico colaborando com o mais sabio

xadresista) e com o mais fecundo fumeur de réves) insinuou-se vagamente da existencia de um bando internacional, de origem — era infalivel! — Composto dos mais famosos, dos mais carne e osso dos Arsenios Lupin da Europa — que o fundador do «Angola e Metropole» conhecera no preambulo da sua aventura, com quem se carteara ainda, graças a trucs signés Wallace e que Alves dos Reis, orientava, chefiava quasi, posto que viam nele um Einstein no seu genero... O agente Paulitos, que acompanhou a questão e que é um detective que possui recursos suficientes para radiografar os horizontes mais longiquos — ofereceu-se para desemaranhar essa meada até ao fim... Não poudé — porque era necessário jornadejar por essas capitães fóra, como qualquer inspector da Perfeitura ou de Scotland Yard — e não havia verba.

... Temos, pois, como ponto de partida, a revelação do holandez (a existencia dum segundo Alves Reis jantando em Londres, livre e... «inconfundivel» — quatro dias antes da publicação do livro de Alves dos Reis n.º 1 e a descoberta do celebre «trust» cosmopolita, feit opelo agente Paulitos. Existe ainda um terceiro facto a registar: o do eu ter falado com esse holandez há mezes — e só hoje o participar ao público — quando essas coisas, nos jornalistas, em geral, e em mim, em especial não costumam cair em sacco roto — nem ficar amealhado em dossiers sonolentos... E' que eu sabia de mais, para me contentar

## Quem é o Alves dos Reis que aparece em liberdade, em Inglaterra

com tão pouco; e sabia demasiado pouco — para contentar com isso... Esperei — confiado em que...

### «O Leo Chaney» dos burlões

Chama-se Joshua Gen, ou Horace Gen, ou Horace Walter, ou Frederick Vanderyenon... O nome não implica no interesse da sua biografia — que enche a transbordar, as fichas policiaes. Em 1918 ganhava honradamente a vida — na apparencia pelo menos, como fregoli dos music-halls baratos, nos suburbios de Londres; em 1920 trépa uns graus e o público aplaude-o nos teatros de revista e opereta — onde ele se afamou como um virtuose de miquilhagem. No ano seguinte a policia obtem a prova de que Joshua Gen girou e foi principal executante de uma burla escandalosa e habilissima em que, a certa altura, o burlado se confundia com o burlão. Ao que parece Joshua Gen fizera-se passar pela vitima e com tal talento na imitação e composição de tipo, que ninguém deu pelo logro. E embora apparecesse vestígios de vários cumplices — é muito possível que esses cumplices fossem o proprio Gen... em várias encarnações. «The World News» da época já escrevia o seguinte comentario a seu respeito: «Esse homem, cujo passado, verdadeira personalidade, crimes antigos, n me que todos ignoram — tem o genio da transformação. Ele sosinho é o chefe, o espiã, o executor o ultimo dos cumplices, e, por ultimo, o detective que se prende... a si proprio; o carcereiro que lhe fecha a porta da cela; o juiz que o condena, o amigo que o salva — e o guarda que dá o alarme da evasão! Se um dia fôsse condemnado á morte — ele seria simultaneamente o padecente, o verdugo e o coveiro...»

Po's bem. E' este homem das mil caras, este Leo Chaney da escroqueria que encarnou, durante algum tempo, em Londres, o papel de Alves dos Reis... absolvido!

### Uma amostra dos «trucs» de Gen

A ultima vez que a Policia de Scotland esfarelou todo o puzzle secreto de Gen — sem conseguir deitar-lhe a mão, como é natural... — ele desdobrava-se em três personagens — os quais ele vivia ao mesmo tempo — havia já seis mezes. Em 1923 desaparecera de Londres, sem deixar rasto — e no ano seguinte aparece um subdito belga, negociante, a alugar um pequeno escritorio, em New Street. Enquanto organisa o seu negocio — hospeda-se num hotel da Strand. Semanas depois dele partir para Bruxelas, deixando um empregadote em Londres a represental'o — surge neste capital um cidadão inglês,

que vivia no Brazil ha 25 anos e que regressou á patria para repousar com um pequeno peculio. Este inglês «d'ida e volta» — arranja uma Garçonniere em St Paul Street — e, como não tem parentes nem amigos — cria relações ao acaso, pelos cafés que frequenta. Parte, um dia, para a Escocia — planeando — disse ele — um negocio de exportação — e logo desembarca em Londres um estudioso literato espanhol, que vem fazer investigações historicas ás bibliotecas e museus ingleses — e que se hospeda num modesto quarto em Commercial St.

Escusado é dizer que o negociante belga, o imigrante anglo-brasileiro e que o literato espanhol — era uma só pessoa embainhado em três tipos diferentes, cada um dos quais preparando as suas burlas — e desaparecendo de Londres quando a policia perseguia qualquer deles — para reaparecer numa das outras duas encarnações — porque, eloquente coincidência: já-mais os três se reuniam na mesma terra. Quando estava em Londres o comerciante belga — o imigrante inglês viajava pela Irlanda e o historiador tinha sido chamado á pressa a Barcelona...

Por este dedo se mede o gigante... Vejamos agora onde e como conheceu ele o labirintico affaire financeiro do Angola e Metropole.



As unicas fotos que a policia ingleza possui de J. Gen

### Onde o falso Alves dos Reis conheceu a verdade

Segundo o «Daily Express» de 2 de agosto do ano passado (onde prepassa a mais completa biografia de Joshua Gen) a policia inglesa está convencida de que em 1924 o «escroc» das mil caras fez um raid a America do Sul num barco holandês, desembarcando em Rotterdam, instalando-se em Haya durante mezes e indo com frequencia a Paris e Londres, sob a personalidade de um financeiro judaico-internacional, Karl Meyer Cecil. Deve ser então que ele conheceu alguns dos perso-

(Conclue na pag 15)



REVELAÇÕES EXTRAORDINARIAS

Quem pretendeu entregar Portugal a Afonso XIII?

No nosso penúltimo número registavamos em termos benévols uma carta do filho do snr. Teles de Vasconcelos...

Senhor Director de «O REPORTER X».

LISBOA

No numero 81 do seu semanario, datado de 19 de Fevereiro p. pd., que casualmente me chegou às mãos...

Contestando formalmente as mesmas, escrevi-lhe a minha carta de 14 do corrente mês de Março...

Para que não possa esquivar-se de novo a tal publicação, sem a sanção legal, escrevo-lhe a presente e endereço-lha registada...

Acompanham esta os documentos seguintes: 1 carta do Comandante Henrique de Paiva Couceiro.

Outras dos Drs. José Cabral, Alberto Navarro, Antonio Osorio e Conselheiro Antonio Cabral, antigos deputados Monarquicos.

Lisboa, 19 de Março de 1932.

Antonio Teles de Vasconcelos.

PUBLICA FORMA

Santo Amaro de Oeiras—Março um—mil novecentos e trinta e dois

Excelentissimo Senhor Antonio Teles de Vasconcelos

Pede-me Vossa Excelencia, no justo empenho de defender o nome do seu Pae, que eu diga o que me consta em relação a uma noticia contida no Reporter X...

Sobre o assunto não fazer mais do que repetir as proprias palavras da entrevista dada ao Diario de Lisboa de vinte e oito de janeiro ultimo.

«O Principe Sixto chegou na verdade a abordar alguns emigrados.

Pelo que eu sei todos lhe responderam de molde a desiludi-lo»

Palavras estas que registam o que eu sei, e que não concordam com as relações apresentadas a publico por Reporter X em desanove de fevereiro ultimo

Fará Vossa Excelencia desta carta o uso que entender, e creia na alta consideração com que sou de Vossa Excelencia muito venerador e amigo muito obrigado

H. de Paiva Couceiro Henrique de Paiva Couceiro Reconheço o sinal supra aliaz retro de Henrique de Paiva Couceiro

Lisboa, trinta e um março mil novecentos e trinta e dois—O ajudante do notario Eugenio Silva—Jorge da Costa Seiro

Esta assinatura inutilisa estampilha fiscal da taxa de sessenta centavos

Logar de um carimbo branco em relevo do notariado portuguez

No original encontram-se coladas e devidamente inutilisadas, na primeira folha, estampilha fiscal da taxa de dois escudos e na segunda folha, estampilhas fiscaes na importancia de um escudo e quarenta centavos devidamente coladas e inutilisadas

E' publica forma que vai conforme ao original e foi extrahida no cartorio do notorio Doutor Manuel Facco Vianna, com cartorio na rua do Crucifixo, numero cincoenta

Lisboa, trinta e um de março de mil novecentos e trinta e dois, Riscado: s, s, s.

O Ajudante do Notario Dr. Fcoac Vianna

Assinatura (ilegivel)

Table with 2 columns: Conta, Num.º 11 3\$00, Num.º 24 4\$00, Soma 7\$00, Papel 2\$00, Total 9\$00

Nove escudos

Registamos no respectivo livro sob o numero 529.

PUBLICA FORMA

Hotel Francfort de Lisboa Lisboa sete de Março de mil novecentos e trinta e dois Excelentissimo senhor Antonio Teles

Em resposta á carta de vossa excelencia de tada de hoje cumpre me dizer que me reporto aos discursos que proferi na camara dos deputados nas sessões de dez e doze de Dezembro de mil novecentos e dezoito em defeza do pae de vossa excelencia, então deputado senhor Antonio Teles de Vasconcelos...

Nada mais posso a tantos anos de distancia, afirmar a vossa excelencia nesta carta, de que vossa excelencia póde fazer o uso que entender.

Com toda a consideração me subscrevo. De vossa excelencia Muito atento venerador e obrigado Antonio Cabral

Tem colada e devidamente inutilisada uma estampilha fiscal da taxa de dois escudos.

E' publica forma que vai conforme o original e que fiz extrair no cartorio do notario Ma-

noel Facco Vianna na Rua do Crucifixo numero cincoenta

Lisboa um de Abril de mil novecentos e trinta e dois.

Ajudante do Notario Dr. Facco Vianna

Assinatura (ilegivel)

Table with 2 columns: Conta, n.º 11 3\$00, n.º 24 4\$00, Soma 7\$00, Papel 2\$00, Total 9\$00

Nove escudos.

Registado no livro respectivo sob o numero (ilegivel)

PUBLICA FORMA

(Dois) Excelentissimo senhor Antonio Teles de Vasconcelos filho.

Durante o tempo em que convivi com seu pae, meu amigo, posso, afirmar que o conheci sempre partidario da restauração monarchica na pessoa do rei Dom Manuel.

Nunca soube de quaesquer relações dele com o principe Sixto de Bourbon, cujas pretensões até ha pouco tempo ignorava por completo, julgando-as uma fantazia sem maior importancia do que a d'um sonho cuja realisação era impossivel e que ninguém acompanharia ou sequer tomaria a serio.

Relativamente ás acusações que lhe fazem de entendimentos durante a grande guerra com os allemães—quando seu pae, sendo deputado em mil novecentos e dezoito, foi preso sob esse pretexto, em nome da opposição monarchica d'aquelle tempo, reptei o Governo a apresentar provas ou ao menos indicios de tão grave arguição, e o que é certo é que não foi apresentada razão alguma de tal arguição (esta palavra encontra-se riscada e tem entrelinhada e sem que esteja resalvada a palavra «facto»). Produto de uma hora perturbada, em que os odios e as paixões politicas andavam desencadeadas e em que em tudo se viam manobras de traição e suspeições infamantes, tal accusação cahiu por si sem d'ixar outros vestigios senão a d'uma imputação sem base algum.

Eis o que penso De vossa excelencia Muito Attento amigo e Venerador.

Alberto Navarro Lisboa dez|trez|trinta e dois Reconheço a assinatura retro de Alberto Navarro

Lisboa trinta de Março de mil novecentos e trinta e dois.

O ajudante do notario Doutor Santos Gomes Justiniano J. Chaves Monteiro Notario ajudante

Esta assinatura inutilisa duas estampilhas fiscaes na importancia de sessenta centavos de tadas de trinta de Março de mil novecentos e e trinta e dois

Logar do carimbo branco em relevo com os seguintes dizeres «Notariado portuguez—P. Santos Gomes—Lisboa»

Tem coladas e devidamente inutilisadas, por José Maria Silveira da Mota, ajudante do notario Doutor Manuel Facco Viana, estampilhas fiscaes na importancia de um escudo e quarenta centavos.

E' publica forma que vai conforme o original e que fiz extrair no cartorio do notario Manuel Facco Vianna Rua do Crucifixo numero cincoenta

Lisboa trinta e um de Março de mil novecentos e trinta e dois.

O Ajudante do Notario Dr. Facco Viana

*Assinatura (ilegivel)*

Conta:	
n.º 11	3\$00
n.º 24	6\$00
soma	9\$00
papel	4\$00
Total	13\$00

Trize escudos

Registado no livro respectivo sob o numero 521.

PUBLICA FORMA

(Quatro

Excelentissimo senhor Antonio Teles Filho. Respondo de boa vontade á sua carta de hontem, e de boa vontade contribuir para desfazer uma calunia (esta palavra encontra-se riscada e tem entrelinhadas, sem que estejam resalvadas, as palavras «as acusações») postas a correr contra seu pae.

Ello que me diz, fizeram (tem entrelinha da e sem estar resalvada a palavra «lhe») certos jornaes duas graves acusações: «a seu pae» (estas trez palavras estão riscadas) servir os interesses allemães durante a guerra; e tratar com o rei de Espanha a restauração da monarchia, na pessoa de Sixto de Bourbon e Parma. São calunias (esta palavra está riscada e tem entrelinhadas e sem que estejam resalvadas as seguintes palavras «destituídas de fundamentos») taes acusações. Eu vi seu pae, em todas as emergencias, um bom e leal portuez, nunca servindo outros interesses que não fossem outros (esta palavra encontra-se riscada) os de Portugal.

A sua prisão e expulsão, no ultimo periodo da guerra, foi apenas o meio de fazer calar uma voz impertinente que estava pondo em perigo uma grande negociata do tempo.

Muita gente sabe d'isso. E se ninguem ainda esclareceu o caso, é porque *ainda se não pode esclarecer.*

O proprio Governo de então, que teve de fazer sobre seu pae essa violencia, nem sequer ponde explica-la no parlamento, onde alguns camaradas nossos (esta palavra encontra-se riscada e tem entrelinhada mas sem estar resalvada, a palavra «meus») lhe pediram contas do caso.

Quanto aos entendimentos com Alfonso decimo terceiro, para fazer o principe Sixto Rei de Portugal, isso é... folhetim, apenas.

Não há pessoa honrrada que possa certificar tal.

Se pau *nunca* se avistou com Dom Afonso de Bourbon nem no Palacio do Oriente, nem noutra qualquer parte. Alguns portuezes pensaram nesse principe, é certo, creio que até alguns se terão avistado com ele, embora não possa garanti-lo.

Mas nunca seu pae tomou parte em taes andanças ou teve alguma cousa com elas que eu sa ha.

Mas devo tambem fazer aquele a justiça de afirmar que jamais me constou que tivessem quaesquer entrevistas com o antigo monarca espanhol, ou com o seu parente Carlos de Bourbon sobre a falada pretensão de colocar em Portugal um rei—espanhol.

Lisboa nove de Março de novecentos trinta e dois.

Creia-me com estima. . .  
Seu amigo attento e venerador. . .  
José Cabral.

Reconheço a assinatura infra de José Cabral. Lisboa trinta de Março mil novecentos e trinta e dois.

A ajudante do notario A. Ramos de Carvalho.

Maria Helena de Souza Correia de Lima. Esta assinatura inutiliza duas estampilhas fiscaes na importancia de sessenta centavos.

Logar do carimbo branco em relevo do notariado portuez.

Tem coladas e devidamente inutilizadas estampilhas fiscaes na importancia de um escudo e quarenta centavos.

E' publica forma que vae conforme o original e que fiz extrair no cartorio do notario Manoel Facco Viana na Rua do Crucifixo numero cincoenta.

Lisboa trinta e um de Março de mil novecentos e trinta e dois.

O Ajudante do Notario Dr. Facco Viana

*Assinatura (ilegivel)*

Conta :	
n.º 11	3\$00
n.º 24	6\$00
Soma	9\$00
papel	4\$00
Total	13\$00

Trize escudos

Registamo no livro respetivo sob o numero 519

Antonio Horta Osorio . . .  
Advogado . . .  
Rua do Crucifixo primeiro direito . . .  
Telephone trez mil quinhentos e quarenta e seis . . .

(Trez)  
Lisboa nove de Março de mil novecentos e trinta e dois

Excelentissimo senhor Antonio Teles de Vasconcelos, filho.

Respondo com muito prazer á carta que por vossa excellencia me foi endereçada.

Quando fui deputado em mil novecentos e dezoito recorda-me ter-se sabido um dia na Camara, com profundo pasmo, que seu fallecido (esta palavra encontra-se riscada e tem entrelinhada e em abreviatura e sem que esteja feita a resalva a palavra «excelentissimo») pae fora preso á ordem d'uma attribiliaria policia internacional, que nesse tempo existia, acusado de não sei bem que especie de entendimentos com allemães.

A todos aqueles que conheciam e estimavam seu pae esta accusação pareceu logo não poder deixar de ser, ou um grande erro ou uma accintosa perseguição.

Percebeu-se a breve trecho que se tratava da segunda hypothese porque o governo reptado a dizer á Camara o que havia contra seu pae, negou-se a fazel-o mesmo em sessão secreta, deixando em todos a impressão de que nem sabia do que se tratava e que a prisão fora ordenada pela tal policia internacional de triste recordação, sem o menor fundamento, por quaesquer motivos de vingança ou odio pessoal que digo, que nunca chegaram a ser esclarecidos.

O que posso afirmar a Vossa Excellencia é que ninguem dentre os deputados monarchicos, que nessa ocasião se sentavam na Camara, tomou a serio a accusação feita a seu pae a quem todos continuaram mantendo a mesma estima e a mesma consideração.

Creio ter desta maneira, e atravez das naturaes lacunas de memoria em relação a factos que se passaram ha catorze anos, satisfeito o desejo de vossa excellencia, pedindo-lhe que me creia com a maior estima e consideração Muito Attento Venerador e Amigo  
Antonio Horta Osorio . . .

Reconheço o sinal supra de Antonio Horta Osorio

Lisboa trinta de Março de mil novecentos e trinta e dois

O ajudante do notario

Theodoro da Cunha

Esta assinatura inutiliza uma estampilha fiscal da taxa de sessenta centavos

Logar do carimbo branco em relevo do notario Tavares de Carvalho-Lisboa :

Tem coladas e devidamente inutilizadas estampilhas fiscaes na importancia de um escudo e quarenta centavos.

E publica forma que vae conforme o original e que fiz extrair no cartorio do notario Manoel Facco Viana na Rua do Crucifixo numero cincoenta.

Lisboa trinta e um de Março de mil novecentos e trinta e dois.

O Ajudante do Notario Dr. Facco Viana.

*Assinatura (ilegivel)*

Conta:	
n.º 11	3\$00
n.º 24	6\$00
soma	9\$00
papel	4\$00
Total	13\$00

Trize escudos

Registado no livro respectivo sob o numero 523.

E NO FINAL DAS CONTAS...

Isto faz-nos lembrar o seguinte episodio: Certo marido enganava com a maior seriedade a esposa, que era ciumenta mas pouco perspicaz. Um dia varios amigos sinceros e da maxima respeitabilidade levaram á esposa a informação clara e infosfismavel da infidelidade do marido. Cêna dramatica no matrimonio; e êle, para provar á esposa que não tinha nenhuma amante convidou o visinho de cima, um lojista da rua e um turista chinês recém-chegado a Lisboa a declararem se êle a enganava.

E as três testemunhas exclamaram convictas e gravemente: «Nós nunca vimos o seu marido com qualquer mulher! E quando êles retiraram—o marido, abraçando a esposa e secando-lhe com beijos, as lagrimas que a fizera chorar—murmura-lhe ao ouvido: «Querida! Vês como era mentira? Depois do que se provou ainda duvidas da minha fidelidade?»

Excusalo será dizer que as testemunhas tinham falado verdade... E apesar disso o brejeiro do infiel continuou a enganar a esposa o mais freqüentemente que era possivel...

E até ao proximo numero.

**"GARANTIA",**

COMPANHIA DE SEGUROS (FUNDADA EM 1853)

Capital integralizado Esc. 1:000.000\$00 Reservas em 31 de Dezembro de 1927 Esc. 6:611.363\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á matemática e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é donidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA», tem a escuda-la o seu passado.

SÊDE

Rua Ferreira Borges, 37—PORTO (EDIFICIO PROPRIO)  
DELEGAÇÃO CENTRAL  
Praça da Liberdade, 13 e 14  
Casa Bancaria Souza, Cruz & C.a, L.da  
DELEGAÇÃO EM LISBOA  
Rua de S. Julião, 63 e 71 (EDIFICIO PROPRIO)

**Quereis dinheiro?**

Jogai no

*Gama*

R. do Amparo, 51 - LISBOA

**PREÇOS ORRENTES**

Pelo correio mais \$80 para registo

**SEMPRE SORTES GRANDES!!!**

## Um numero que é uma legenda infamante

MUITO juntinhas, humildes como crianças, dir-se-ia envergonhadas da terra mãe que as alimentava, modestos grupos de violetas roxas, escondidas entre dois quadrilares canteiros, espreitavam timidamente o sol que as viaha beijar. Da família, viviam ali isoladas, quasi envolvidas no Código Penal, distantes das aristocráticas violetas de Parma, com seu lilaz magestoso, ou das violetas brancas, os símbolos da pureza e da candura. A sua humildade levava-as a que se escondiam



Francisco Correia

ainda da jurisdição da cadeia, embriagavam-se com o oxigenio da liberdade provisória, recebiam em flocos o sol que parecia amanhá-las, dos seus crimes, sob o olhar grave de um guardião da cadeia.

Para além desse gradão do Inferno, a sepultura dos loucos, a vala dos tuberculosos, amados por uma infinidade de portas, que um som metálico estranho fazia girar nos gonços, os reclusos, os condenados a pena maior cumprindo o seguimento da pena, numeros que são legiões da criminologia, espectros que são resíduos de existências humanas. Vem nos á recordação nomes, datas historicas de sangue, episódios tristes dos tribunais. Restos ainda da «noite fúlgida» do 19 de Outubro, o «Dente de Ouro» e o «Arrebitado»; há uma evocação da revolta de Santarém que levou até ali o ex-alfere Ribeiro dos Santos, que nos dizem estar louco; afligim-nos a ideia de lá dentro, naquele tumulto de vivos, silenciosos como as grandes catedraes, de um carácter profundamente religioso, haver lá mens que se dizem innocentes. Sacudem e blasfemias contra certos judicários e há desdens sarcásticos contra o velho conceito juridico romano que vale mais absolver um criminoso do que condenar um innocente. E naquele labirinto de aspecto conventual, de celas com cunho monastico, agonizam alguns desgraçados sobre os quaes, seguramente, existem duvidas de responsabilidade criminal.

Por concessão do sr. dr. Macário Ferreira, secretario da Cadeia, que amavelmente nos acolhe, o jornalista passa através os gradões e um seco bater metálico isola-o, pelo menos provisoriamente, da liberdade que ainda cá fora gosam as humildes violetas. Outros portões se fecham sob o mesmo ciclo de horror e eis que se nos depara a Ala com uma varanda, sejarando as celas, uns criticos onde se escondem os condenados, com um epitáfio que é o nome de baptismo do penitenciario: o numero da sua triste matricula.

## Sob uma gélida temperatura

O sol que cá fora beijava as violetas não chega até ao interior com as suas calorias. No meio da Ala um frio certante quasi nos gela a sensibilidade. Faz frio naquela cisterna de vivos. O silencio daquela nave inconcôda. A respiração é entrecortada por suspiros aflitivos. Não se nota um zumbido. Pareciamos transportados a galerias subterrâneas. Só de espaços vimos

**Violetas humildes cultivadas por mãos de condenados. Uma evocação do crime de Belmonte ou 28 anos de prisão do ex-marinheiro Francisco Ferreira—A Penitenciaria de Coimbra vista pelo «Reporter X»—Uma conversa com um recluso—Como são instruídos os processos criminaes—O 283 proclama a sua innocencia—O arrependimento de alguns jurados—Uma nobre attitude dos nossos marinheiros—A revisão do processo e o Supremo Tribunal de Justiça.**

(DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL A COIMBRA)

passar um numero, salpicado a cal na ganga da indumentaria da Cadeia. Não se constata ruidos porque as solas das botas dos presos são de borracha. E os presos passam por 163 e com a continencia do ritual cumprimentam o guarda que nos acompanha. Visitamos rapidamente



A penitenciaria de Coimbra

uma cela. Ao fundo, refugado na sua tragedia, um recluso vence mais um dia no efectivo da sua condenação. O carcereiro conta-nos fugazmente o crime que ali o arrastou. Não interessa a esta reportagem. Sigamos, pois, na observação. Sobre uma mesa alguns livros, o recheio intelectual para distracção do seu espirito. Literatura cuidada, sólida para a educação. A direita, pequenos ramos de flores, a cultura espirital do condenado expressa nas duas modalidades: a literatura e as flores. Diz-nos o carcereiro que é um dos reclusos melhor comportados e mais trabalhador.

—En que cela está o 283?—inquirim, s.  
O indicador da mão direita estende-se em direcção a uma porta que se encontra alguns metros adiante. É acto continuo o carcereiro declara-nos:

—Façam favor de esperar que vou buscá-lo.  
O silencio continuava a torturar-nos. Cá fora, no quartel frateiro á Cadeia, o carcereiro toca a unir. Os agud's do instrumento chegam até nós a espicaçar a sensibilidade e a tornar ainda mais austero o ambiente.

## De marinheiro a penitenciário

O 283 caminha esmagado pelo peso de nove anos de cadeia e das vicissitudes desse longo estagio prisional. É um rapaz alto, forte, algarvio de gema, a pupila do olho direito a esconder-se envergonhada, tornando-o estrabico. Veste de garga, a indumentaria da prisão. No peito, sobre o coração, uma chapa metálica com um numero, do feitiço das que usavam os antigos aguadeiros em Lisboa. Nas calças e na blusa, feitos a cal, os numeros 283. O condenado conhecia o jornalista por ter fixado o seu nome, em 1919, numa reunião a que o dever profissional o levou. Isto que se passou há treze anos ainda não havia sido olvidado pelo Francisco Pereira, nome de baptismo do 283, que o recordou com pormenores por nós já sepultados na memória.

O Francisco Pereira, cabo de marinheiros na altura do crime e em vespers do posto de sargento, está cumprindo a pena de 28 anos de prisão a que foi condenado como autor da morte de seu sogro, Fernando Fernandes, caso ocorrido em Belmonte, concelho de Oihão, em 27 de Abril de 1923. O processo foi instruído de maneira a agregar sobre este rapaz, indícios de culpabilidade que o levaram a duas Penitenciarías, á de Lisboa e Coimbra, e se uma restea de justiça não o protege arrastar-se-há até ao degredo.

Passaram anos. Um advogado de Faro, moço talentoso e resoluto, o dr. Manoel Guerreir, em novas investigações conseguiu os elementos necessários para a prova de que o Francisco Pereira está innocente. Um cunhado deste, Manuel Juao de Brito, vem comprovar essa innocencia com a confissão da sua autoia no crime. Ao Chefe do Estado, quando da sua recente visita ao Algarve foi entregue uma representação assinada por milhares de pessoas da capitãl algarvia, no sentido de ser concedida a revisão do processo, e o Supremo Tribunal de Justiça vai, no seu Tribunal Pleno, folhear, de novo o processo e proferir o veredictum. Os camaradas do condenado, os bravos marinheiros, custearão, por subscrição entre elles, as despesas forenses e judicias e é possivel que dentro dalgum tempo o Francisco Pereira se emancipe da trágica chapa metálica com o numero 283.

## Até os jurados estão convencidos da minha innocencia

—São tão palpaveis as provas da minha innocencia que não merece a pena os jornaes tratarem do meu caso. Agradeço comovido o auxi-

lio que a imprensa me tem dispensado, mas o Supremo Tribunal de Justiça vai livrar-me deste martirio de há nove anos. Os meus camaradas da Marinha estão igualmente trabalhando no mesmo sentido e talvez seja melhor não mexerem no caso.

O 283 está, como se vê, cheio de esperanças. A liberdade, para o seu optimismo, encontra-se a poucos metros, ligada por um simples fio de linho. Foi necessário demonstrar-lhe que as illusões se velatilizam na segunda primavera da vida. Depois desta dade, e tanto mais com a experiencia de nove anos de carcere, é preciso sem des-



A filha do assassinado

(Conclue na pag. 15)

## REVELAÇÕES SENSACIONAIS

O alarme—a obra dos espíões na Machona e nos territórios do Niassa—Os interesses das pequenas potências e a diplomacia—Na sombra...—Desvenda-se o mistério do massacre de Macequeque—O agente M. Z. 34—Smutz, Hertzog & Companhia—Dois homens misteriosos—O roubo do plano das minas carvoeiras em Lourenço Marques—Existe a : : contra-espionagem : : :

Em redor das nossas colónias africanas tem-se bordado as mais variadas rendas subidas da literatura. E nota-se este caso singular: em todos os escritos publicados aparecem, quasi sempre, algumas palavras de mal velado receio das pretensões estranhas áquelles territórios onde a soberania nacional tem conseguido manter-se com imensos e não pequenos sacrificios. Por varias vezes—e desasombradamente—se tem dito na imprensa o perigo que representam, para o nosso domínio em Africa, os manejos de algumas chancelarias que, apesar de todos os seus protestos de amizade e desinteresse, não abdicam de antigos e ambiciosos projectos. Recordo-me que, em 1926, numa esplendida série de artigos publicados no jornal «A Tarde», o velho colonial e publicista, sr. Domingos da Cruz, tratou do grave problema, demarcando os seus pontos capitais e levantando um vibrante grito de alarme. E difícil se torna enumerar as obras e artigos de jornais onde se tem erguido uma ponta do penumbroso véu sob o qual se crispa e adunca a garra duma espionagem activa, metódica, silenciosa e intensa. Exemplificando, evocarei as energicas palavras do martirizado Henrique de Carvalho, no seu livro «A Lunda»; o pérfido relatório Ross; os termos do capítulo VII da «Historia Militar e Politica dos Portuguezes em Moçambique», do general Teixeira Botelho, e—porque não citá-lo? o caviloso relatório de Stanley.

A diplomacia tem sempre uma palavra—«bom-bom» para adocicar as maiores injustiças. Quando um pequeno paiz, sentindo-se lesado fala na justiça dos seus interesses, os diplomatas, afirmam a sua maior veneração pelo direito da conquista e da descoberta, falando imediatamente em «mal entendido», em «lapso»; embora intimamente, pensem, como o nosso Eça disse nas «Cartas de Inglaterra», que a diplomacia tem o seu simbolo naquella conferencia que, de cabeça entre os punhos, ainda meditava na so-



Uma festa na colónia. (A seta indica o espíão francês de que se fala neste artigo que appareceu... por acaso!)

lucção «pacifica» do conflito egipcio, quando de Alexandria só restavam montões de ruínas fumegantes, juncadas de cadáveres, e os canhões dos navios inglezes, já estavam dilatados e descalibrados por tanta metralha haverem expelido.

Mas na sombra na tréva que constitue o ambiente dos manejos secretos, das ambições inconcessáveis, como se descobrem as truanescas características da diplomacia!?

Quantos mistérios se desvendariam se todos os diplomatas seguissem o caminho do príncipe Bulow, escrevendo as suas memórias...

### A verdade sobre o massacre de Macequeque—Os espíões de Cecil Rhodes

São bastante antigos os manejos da espionagem estrangeira em Moçambique. Encontramo-los nas origens de influências estranhas nos territórios de Machona e do Niassa—desde o tratado secreto com o Lobengula até à organização da celebre The B. S. A. C., que guerreou a soberania portuguesa com todos os seus recursos e chegou a invadir os nossos territórios em som de guerra. Bastará recordar a exploração de Livingstone, a serfista missão de Young, as missões de Blantyre e Mandale e a The African Lakes Company Limited, para reconhecermos a existência de qualquer poder secreto que tentou abrir as portas do nosso territorio, preparando ambiente e realizando um formidável contrabando de armas e munições. Nas mãos dos macololos revolta los foram encontradas bandeiras estrangeiras e alguns individuos de nacionalidade não portuguesa tentaram, subtilmente estabelecer o pânico entre as nossas tropas que combatiam no Chire. (Hist. Mil e Col. dos Port. em Moçambique).

Mas onde se conhecem, mais fortemente que em qualquer outra occasião, os torvos manejos da espionagem é no triste e sangrento massacre de Macequeque, em que tombaram muitos portuguezes, dentro do seu territorio, varados pelas rajadas das metahadoras europeias-estrangeiras.

Qual a origem secreta desse massacre que a diplomacia attribui, como sempre, a «um mal entendido»? Não se necessita recorrer a fantasias para o explicar. Nos arquivos do moderno «I. S.» deve existir o dossier referente a esse «belo trabalho» da velha espionagem das potências europeias que preveniu o governo transvaliano da marcha dos voluntarios portuguezes, que minou secretamente o forte portuguez do vale do Revue e provocou traiçoeiramente o desbarato da pequena mas heroica coluna de Caldas Xavier, incitando os carregadores genitos a desertar e a roubar cartuchame e viveres.

Era encarregado dessa missão o agente M. Z. 34 homem da confiança dum governo poderoso, um tal James Smit, antigo official do exercito do seu paiz que, mais tarde, havia de perecer na India, onde manejava secretamente



contra os nacionalistas, chacinado pelos fanaticos que o fizeram sofrer supplicios horrosos! O que depois succedeu é conhecido. O «ultimatum», o vexame, a imposição pela força e pela argumentação capciosa das ambições inglesas.

Era uma grande parte do roubo de Cecil Rhodes que, graças à sua espionagem, se corporitava.

Hoje Smutz, Hertzog & C.ª não desdenham desses processos. A questão das carvoeiras de Lourenço Marques, a mão de obra para o Rand e mil e uma questões de alto interesse, têm em seu redor a teia imensa e funesta da espionagem transvaliana representada por alguns dos seus mais categorizados e «diplomaticos» agentes.

Na Polana, todas as tardes, os Sr. Ronald Colman—esse velho respeitavel que se diverte em despejar garrafas de Whisky, que joga o Tennis e faz flirt rodeado pelas girls mais gentis—tem misteriosas conversações com o francês Henry Boyer, individuo fugido ao seu paiz durante o ultimo periodo da guerra e sobre quem pesam suspeitas de exercer espionagem a favor da Alemanha. De que vivem Colman e Boyer? Que fazem em Lourenço Marques? De que constam as suas estranhas conversas? De onde lhes vem o dinheiro que espalham largamente no Hotel da Polana e em numerosas tavolagens?

### A espionagem, os seus agentes e os seus meios—Um misterioso hoteleiro—Um engenheiro sem occupação

Os manejos dos espíões são tão seguros, tão firmes que, normalmente, os esforços dessa cohorte de homens sombrios são coroados do melhor exito.

Mas quem são os seus agentes? Talvez não fôsse difficil averigua-lo. No entanto, sempre diremos que bastante interessante seria averiguar as origens da fortuna dum importante hoteleiro de Lourenço Marques que possui grandes propriedades em Porto Amélia e vai de dois em dois meses, a Cape-Town. Este cavalheiro, que é portuguez, é bem conhecido—pelo seu estrabismo, pelos escandalos que algumas amantes suas tem provocado e tem, de ha muito, a impressões digitais na policia de Lisboa, do Porto e... de Londres. Curioso seria igualmente saber-se quem era o engenheiro que, durante uns meses, procurou trabalho nas carvoeiras de Lourenço Marques e que, depois, desapareceu misteriosamente, na altura precisa em que se deu pelo roubo do plano geral das novas carvoeiras que se projectava construir no poito. E porque seria que o francês Boyer e o velho Colman se reuniram com o enigmatico engenheiro, em conciliabulos que, por vezes, se prolongavam até de madrugada?

(Conclue na pag. 14)

# T. S. F. X.

(Conclusão da página 4)

fou todas as «on-dit» que corriam. E logo a seguir Hitler anuncia a sua extravagante emissão—como se fosse um Ministro das Finanças...

Não fazemos comentários. Apenas aconselhamos os leitores a ligar esta notícia sensacional à inesperada derrota de Hitler...

## O homem que escreve nas paredes

É um sujeito de meia idade, que dirigiu, no tempo da guerra uma Companhia de Seguros, que frequentou talvez, *premières*, cafés, *restaurants* de luxo; que viajava; que vivia na abundância; que sofreu, há pouco tempo, uma tragédia íntima, deixando-se abater, com graves sintomas de alucinado. O seu nome de batismo é o mesmo do de um escritor da moda; os seus apelidos recordam um grande actor e um dos últimos ministros do D. Manuel II... As suas iniciais correspondem com a J. S. C....

Alguem já nos falava deste assunto—mas nós não queríamos acreditar... Seguimol-o; vigiamos os seus gestos; observamos as suas activida-

des... Percorre as ruas, encosta-se a uma parede com o ar distraído dalguem que está a «matar o tempo», e quando vê que está fóia do alcance de todos os olhares, escolhe, entre varios lapis de cor aquêle que mais se destacar das tintas da parede, e escreve, rabisca, desenha... O que julgam os senhores

que éle escreve, desenha, gatafunha nas paredes? Os bonecos mais obscenos, as frases de uma tal pornografia que o mais impudico dos vilões córaria ao lér... E terminada a obra, guarda os lapis, sorri-se, sacode-se com o um gato ao sol, e desata a calcurrear as ruas, até estacar de novo, retomar a mesma atitude e repetir a mesma façanha. E não é só nas paredes do casario: é nos vestibulos, nas escadas, em toda a parte...

Louco? Satiro? Seja o que fór—o que éle é pela certa, é um tremendo porcalhão!



## Homens & Factos do Dia

(Conclusão da pag. 3)

trionfou—mas logo surgiram outros a macaqueal-o, a imital-o grosseiramente—numa verdadeira epidemia de «*Coiffeurs pour dames*».

Os leitores bem veem que não fui eu! Eu não tive culpa!

E assim desfilam pela vida nacional dezenas de epidemias—as do cinema, a dos cafés, a das tabacarias. Mas o leitor bem vê: a culpa não foi minha...

Um dia, a meio da minha carreira, que se outras virtudes não possui, me orgulha pela sua sinceridade, pela sua honestidade, pela seu caracter bem pessoal—e pelo honrado e esfalfante esforço que me tem exigido—um dia dizia eu, pensei em lançar um jornal que fosse a unificação do meu estilo jornalístico, criado espontaneamente pelo impulso do meu temperamento, pelo molde da minha concepção profissional e pelas influencias inevitaveis de muitos anos de contacto com quasi todas as grandes cidades europeias e dediquei-me de corpo e alma, como numa conquista de amor, á sua realização. Eu, como homem da primeira leitaria ou do primeiro cinema, saboriei a divina recompensa de vêr os meus calculos acertarem num exito não só consolador como inedito no nosso meio... Ora dizem os meus acusadores que nos ultimos tempos os jornaes aparentemente semelhantes ao recorte tecnico do meu se tem multiplicado, como se multiplicaram as leitarias, as supatarias, as tabacarias, os cafés, os cinemas... Talvez seja verdade... Mas o leitor bem vê... Eu ao fundar o «Reporter X» não premeditava esta consequencia, não havia no meu espirito, a minima intenção de provocar esta epi-

demia... Contentava me apenas em fazer algo de novo, um jornalismo que só não era inedito por eu o haver anteriormente dissipado pelas dezenas de gazetas onde trabalhava, um jornalismo bem pessoal—um jornalismo que eu sentia sêr á medida das necessidades do publico. E não me equivoquei... Do resto, o leitor bem vê, não sou eu o culpado... É um fatalismo—o fatalismo nacional, como as derrocadas de Atenas, como os incendios de Stambul, como as erupções vulcanicas do Mexico, como os terramotos do Japão ou as pestes da India ou as fomes da China...

Não me acusam pois de males que não cometi... voluntariamente, pelo menos. Nem o facto de os ter ensinado pôde pesar-me na consciencia; posto que, se eu me esforcei a ensinar-os éles—justiça lhes seja feita—não quizeram aprender...

REPORTER X.

## A espionagem em Moçambique

(Conclusão da pag. 13)

Razões extranhas á nossa vontade, impedem que esmiucemos todos os meandros da espionagem estrangeira em Moçambique.

São efectivamente ignorados os seus agentes? E' provavel. Mas ahí ficam alguns factos e alguns nomes que podem servir de ponto de partida para quem de direito alcançar a parte principal desta meada de ambições.

O jornalista apenas regista um pouco do que viu e de que pessoas fidedignas e altamente coradas lhe confidenciaram.

Ahí está tudo quanto lhe é licito dizer e revelar. O resto pertence á contra-espionagem—coisa que, na verdade, não sei se existe nas nossas colonias... Mas se não existe, devia existir, é necessário que exista, para salvaguarda da nossa soberania, do nosso dominio e da paz interna das nossas colonias.—Ferreira da Costa.

## Como se morre duma bronco-pneumonia... padecendo-se duma peritonite

Dois diagnósticos diferentes e um só deles verdadeiro — Uma operação da qual nada resulta — Os desejos dum beijo

Num dos últimos números do Reporter X tratamos do caso da morte dum rapaz devida ao desleixo dum médico do Hospital do Rêgo e já hoje temos de nos occupar de outro caso identico nas consequencias, mas muito mais grave, pelo mau sintoma que revela.

O caso em questão é duma tal transcendência que dispensa qualquer comentário. Por isso vamos conta-lo em todos os seus pormenores, sem necessidade de fantasias. Leigos como somos, em assuntos de medicina, limitamo-nos a apresentar factos que, pela sua gravidade, demonstram inludivelmente a razão que nos assiste quando reclamamos providencias.

Vamos, pois, aos factos: José Raimundo se chamava o pobre rapaz vítima nesta história verdadeira a que nos estamos referindo. Tinha 16 anos

e, com uma irmã quasi da mesma idade, constituia o único enlevo de seus pais, com quem residia em Siutra, no Bairro do Teimoso.

No dia 2 do corrente mês de Fevereiro, pelas 23 horas e meia, foi acometido, repentinamente de cólicas violentissimas no ventre, mais accentuadas na metade direita do abdomen.

A mãe e o pai, O desventurado José Raimundo afflitos, ministravam-lhe alguns tratamentos caseiros, mas o rapaz cada vez se sentia peor o que levou aqueles a chamarem um médico da vila. Este não se fez esperar e, minutos depois da 1 hora do dia 3, logo que reclamaram a sua presença, compareceu em casa do José Raimundo.

Após um cuidadoso exame feito ao doente, ordenou que o removessem com a maior rapidez para Lisboa, por necessitar de tratamento que só no hospital de S. José lhe podia ser feito, sem o qual não se salvaria.

O pobre José Raimundo padecia duma peritonite originada em rotura apendicular. Lira este o diagnóstico a que chegaria qualquer médico, depois de verificar que o doente tinha dores violentas na metade direita do abdomen, mais accentuadas na fossa iliaca direita (região apendicular), vômitos, dor á pressão e á descompressão, ventre timpanizado, prisão do movimento do membro inferior direito e pulso a 130.

Metido o doente num automovel que largou a toda a brida para Lisboa, deu entrada no Banco do Hospital de S. José cerca das 3 horas da madrugada, sendo logo observado por vários dos clinicos presentes, até que, chamado o cirurgião de serviço, o dr. Armando Luzes, foi êste de opinião de que se tratava duma cólica hepática (de, figado), pelo que mandou recolher o doente á Sala de Observação.

(Conclue na pag. seguinte)



## Quem é Alves dos Reis que aparece em liberdade, em Inglaterra

(Conclusão da pag. 9)

nagens do Angola e Metropole—entre estes, Marang e Hennies, visto que no julgamento daquele, em Haya (1926) falou-se numa hipotética ligação com o grupo Meyer-Cecil (vejam reportagens da época). Em 1925—janeiro ou fevereiro—está em Lisboa, hospeda-se no «Palace», visita o famoso banco e fala-se na sua intervenção no financiamento duma Companhia de Metropolitan e numa linha aerea luso-africana (leiam «A Tarde» de 15 de março de 1925).

Depois veio a derrocada... Meyer-Cecil esfuma-se deixando em redor do... vacuo mil lamentações das victimas. O seu corpo continua a desdobrar-se em outros personagens... Fala-se em 1930 dum grupo de internacionaes que procura obter de Alves dos Reis a sua colaboração—embora este continue preso. Alves Reis denuncia-o—e logo depois aparece em Londres um outro Alves dos Reis... Quem é o audacioso que emprende essa empreza fantastica? Com que fito?

### Qual foi o plano do Jeshua Gen

Quem é—está provado: é Jeshua Gen, o Leo Chan-ty da escroqueria. Com que fito? Ah! Eis o enigma... Depois das revelações que me fizeram—quando tive, pela primeira vez conhecimento do Alves dos Reis n.º 2 obtive novos dados que me habilitam a pensar que essa «contra-figura» foi vista e ouvida em Londres pelo menos três vezes. Um português que é alto funcionario dum banco londrino foi, como eu, surpreendido por alguém que lhe garantiu ter sido apresentado ao heroe do Angola e Metropole, que este fora absolvido pelos nossos tribunais e que estava organisando uma grande sociedade internacional... De todas as versões e hipoteses, a mais verosimil é a que esse mesmo compatriota nosso me comunica numa carta que, sobre o assunto, acabo de receber... Alves dos Reis, pela sumptuosidade do seu engenho criou numerosos fanaticos—sobretudo entre os que queriam imital'o—mas a quem faltam os recursos pessoas desse desgraçado. Gen viu o golpe—criou o tipo—mas não o manteve ininterruptamente. O seu plano era vencer pela surpresa; surgir a este ou aquele individuo que pudesse fazer constar a sua existencia em Londres—e desaparecer em seguida; para logo reaparecer junto das victimas, como um milagre, gizar planos fantasticos, arrancar-lhes durante o espasmo provocado pela emoção imprevista, somas fabulosas destinadas ao financiamento desses negocios—diluir-se; repetir o golpe algumas vezes—não muitas; e sempre com mil cautelas e na certeza de que os focados ignoram a verdade sobre a actual situação de Alves dos Reis

e de modo a não falar em, a não criar o escandalo...

...E' genial, este Alves dos Reis, n.º 2! E' quasi digno do autentico—mais desditoso do que ele porque se aquele tem sobretudo a ciência da impunidade—a este fálhou-lhe a coragem de se confessar a si proprio um «hors de la loi» e em honra á honra perdida, perdeu-se—deixando-se prender e dizendo que era honrado... Em quanto que o outro confirmará—assim, pela vida fora, mudando de rosto como de camisa, sendo hoje alemã—amanhã chinês; hoje banqueiro—amanhã diplomata—mas sempre em liberdade, que é, de todos os triunfos, de todas as glorias, de todas as riquezas, a mais bela, a mais saborosa, a mais doce...

Reporter X

### Como se morre duma bronco-pneumonia... padecendo-se duma peritonite

Conclusão da página 14

O José Raimundo conservou-se ali até depois do meio dia, hora a que foi operado por aquêlê cirurgião, que lhe fez uma laparotomia exploradora, morrendo pouco depois, duma bronco-pneumonia, segundo o relatório da autópsia feita no Hospital.

Coincidência curiosa: No dia do funeral do rapaz, tendo sido marcadas as 13 horas para a soldagem do caixão, na presença dos pais do falecido, chegaram estes ao hospital ao meio dia e já o caixão estava soldado, tendo sido aberto novamente, por exigência do pai, que quiz beijar o cadaver do filho antes de êle ser levado para a sepultura.

Como acima dizemos não comentamos os factos. limitamo-nos a conta-los aos nossos leitores a quem por dever de officio, deve tornar dele conhecimento.

No entanto, não queremos deixar de fazer uma afirmação e algumas perguntas:—os fenomenos observados no José Raimundo são inconfundiveis, caracteristicos duma peritonite. Como justificar que o dr. Armando Luzes, cirurgião dos hospitais tenha confundido com uma colica hepática?

E, a admitir como hipótese—e só como hipótese—que aquêlê médico se não enganou, como se justifica que o doente tenha sido fulminado por uma bronco-pneumonia?

E' o que gostaria de ver explicar quem nêstes assnutos é, apenas um

Leigo.

## Os segredos intimos de Lord Jellicoe

(Continuação da pág. 5)

—E de quem seriam os retratos duma encantadora rapariga em fato de banho que estavam na cabine do Almirante?

—Certamente de sua encantadora filha a paixão do Almirante, grande nadadora,—Miss Prudencia...

O navio singrava já nas aguas tranquilas do Tejo, que assim prestava a sua homenagem ao heroe da Jutlandia.

LUIZ LUPI

## Para além da liberdade

(Conclusão da pag. 12)

naeto nem precipitações encarar as duras realidades da vida.

—E' verdade!—concordo o condenado.

A entrevista vai digressor. O 283 pede autorização ao carcereiro para ir á cela buscar a papelada e pouco depois a sua odisseia é descrita em simples linguagem:

—M u s'egro foi morto numa noite em que eu me encontrava de serviço a bordo. Só por e me fálto, que pod' ser testemunhado pelos meus superiores e colegas, se prova'qu: não fui eu o assassino.

—M u s' como envolveram no crime?

O 283 narra-nos depois como appareceu morto o sogro, os antecedentes do crime, como furdista a cabala em volta do seu nome e as delicias feitas por seu cunhado Manuel João de Brito, para o compometer. Explica nos como foi preso, o convencimento que as autoridades tinham da sua innocencia até ao momento de apparecer, numas terras do Fr. nêsico Pereira, umas fitas cortadas, umas pegadas a denunciar lutha vida entre ele e o sogro e uma enxada ensanguentada. Todos estes pormenores foram já relatados pela imprensa e que a sua reedição fátaria, cert mente.

### Um cunhado que é um algós

—O que lhe posso garantir é que toda esta embrulhada foi preparada por meu cunhado. Foi ele quem esteve com o meu cunhado no acite do crime. Primeiro pretenderam fazer acreditar que meu sogro fôra vitima de um desastre. Depois, com receio das responsabilidades, lançaram sobre mim as culpas. E para conseguirem os elementos necessaries inventaram e provas, falsaram-se relatorios, extraviaram-se folhas do processo e destribui-se dinheiro em bnda para que eu viesse aqui p'rar. Nas segundas investigações que se fizeram ficou esta verd de demonstrada: que o processo foi instruido ao sabor do meu cunhado com elementos falsos e apparencias velhacamente arranjadas para salvar aquêlê meu parente, que dois dias depois do crime confessou, a fente de varias pessoas que ainda são vivas, ser o unico autor do crime.

### Declarações elucidativas

E o 283 elucidica nos ainda sobre caso pasmoso:—Quer certificar-se da injustiça da minha condenação? Registe, porque é inédito entre nós.

O pobre marinheiro faz uma pausa e acrescenta:

—No dia immediato da minha condenação um dos membros do juri procurou me na prisão para me apresentar as suas desculpas pelo voto que emittira, dando como provado o crime que me atribuiam. Votou assim, não por estar convencido da minha culpabilidade, mas pela pressão que sobre ele foi exercida.

Francisco Pereira folheia o seu «dossier», retira dele uma carta e mostra-a ao jornalista:

—Este senhor, Alexandre da Silva Maia, foi tambem um dos membros do juri fatidico que me condenou a esta morte lenta. Veja o que ele me diz. Observe como se mostra pesaroso pela minha sorte e me testemunha a sua solidariedade. Pois este cavalheiro foi um dos que habilitaram o juiz á condenação.

A carta, a que se faz referencia, é, na verdade, um documento edificante. E a prova clara de que o juri que deu como provado o crime não tinha a consciencia da responsabilidade que ia assumir.

E no entanto, há nove anos que nas cadeias do paiz geme sob os horrores do carcere este rapaz, hoje transformado num triste numero, por um crime do que par ce estar innocente.

ALFREDO MARQUES

12/11



**DePURATOL**

SOBERANO  
REMEDIO DA  
**SIFILIS**



**TUBO  
10\$00**

Aprovado  
no estrangeiro  
por Juntas de Saude  
Registado em numerosos paizes

**Sem dieta  
nem resguardo**